

AÍDEIA NACIONAL

REVISTA MONARCHICA SEMANAL ILLUSTRADA ·
POLITICA · ARTE · LITTERATURA · MODAS ·
ELEGANCIAS · SPORT · ESCRITORIOS · PRAÇA
LUIZ DE CAMÕES, 46 · LISBOA · · · · ·

JOÃO DO AMARAL
REDACTOR EM CHEFE

HOMEM CHRISTO FILHO

DIRECTOR

DOMINGOS CARVALHO MEGRE
GERENTE

PROPRIEDADE DE HOMEM CHRISTO FILHO E DOMIN-
GOS MEGRE · EDITOR · ANTONIO COSTA · COM-
POSTO E IMPRESSO · GRUPO LINOTYPISTA · RUA
DO POÇO DOS NEGROS, 81 · · · · ·

JOSÉ PACHECO
REDACTOR ARTISTICO



PRIMAVERA

(Desenho de Madame Helena Christo Filho).

A POLITICA

POR

JOÃO DO AMARAL

As ultimas semanas foram d'uma apreciavel abundancia em episodios, ora pittorescos ora graves, de politica interna. Refiro-me primeiramente ao barulho que no Parlamento se fez em torno da censura: deputados e senadores de todos os partidos, o *tas electum* em todas as suas feições, enrolaram o governo n'um ferreo circulo de rethorica; foi a procella de tal sorte memoravel que a nau do ministerio se encontrou, ao cabo de tormentos, com um homem a menos na equipagem.

O que succedeu era facil de prever-se; por minha parte houve sempre como certo que os ataques á meza censoria partiriam da esquerda e que a marcharem as coisas na sua logica sequencia, breve esse instituto de salvacao publica não encontraria ao seu lado senão os reaccionarios da direita; assim foi na França, assim foi em Lisboa e assim teria sido em qualquer ponto do espaço e do tempo visto que, representando a censura uma restricção imposta á liberdade individual, nunca a poderiam justamente supportar a psychologia e a mentalidade jacobinas. Restringir a liberdade individual em beneficio dos interesses communs da nacionalidade, garantir o predomínio da razão de Estado sobre a Razão *Fondcourt*, pôr a salvo de discussões e querellas diuturnas a alta condução da nossa defeza militar e diplomatica, tudo isso constitue um esforço organisador incompativel com os costumes e hábitos da psychologia democratica, um tentame cujos resultados não conseguiriam nunca ser contrarios a esta verdade experimental:—ou a democracia mata a organização ou a organização destroe a democracia.

Organisar é disciplinar e differenciar; um *systema* que tende á emancipação progressiva da auctoridade e ao nivelamento progressivo dos valores sociaes, isto é, um *systema* fundamentalmente adverso ás condições *sine fua* d'essa disciplina e d'essa differenciação, está de direito e de facto inibido de poder organisar.

O *processus democratico*, todo firmado na deliberação mechanica das assembleias, não é de resto um *processus* organico, respeitador das leis naturaes, ou melhor, das relações necessarias á conservação e normal desenvolvimento das sociedades. O preconceito da liberdade individual, que se revoltou contra a censura prévia e pretendeu ferir a organização n'um dos seus escopos—a disciplina, só poderia ser effizamente secundado, na sua missão anti-natural ou anti-physisca, como Rabelais dizia, pelo preconceito da egualdade que destroe outra coição de todo o organismo social: a differenciação.

Queira o leitor meditar sobre as lições da guerra. Demore-se o seu pensamento, como o meu, deante da legislação republicana que reformou o exercito e deante d'aquella que, ha poucos dias ainda, convocava para novas reinspecções todos os homens isentos do serviço militar.

Ha muitos annos já que o exercito perde-ra, em Portugal, como n'outros paizes, esse caracter de permanencia, por vezes hereditaria dentro dos nucleos familiares, que lhe dava a força especializada d'uma classe profissional. A republica vibrou-lhe, porém, de certo modo, o golpe de mizericordia, diminuindo os periodos de instrucção ou preparação e estabelecendo, simultaneamente, por uma applicação extensiva de principios da egualdade, a obrigatoriedade do serviço. Não me cumpre determinar o valor potencial dos dois conceitos que tem regido a defeza militar das nações europeias. Melhor do que todos nós fallará, de resto, o cruento espectáculo a que estamos assistindo.

Não é esse o meu proposito. Intento apenas fazer notar que este conceito do exercito democratico, obrigando todos os cidadãos d'um paiz ao mister de soldados, é contrario á lei biologica da selecção e á lei economica da divisão do trabalho. Por outro lado, o criterio egualitario applicado á função militar, se de certo modo, e á primeira vista, enriquece numericamente a defeza da Nação, não só-lhe é qualitativamente inutil durante a guerra, como fere, talvez d'uma maneira irremediavel, para os futuros dias de paz a economia nacional.

Exercitam-se na paz as armas d'avant guerre, é na paz que se forjam as condições da victoria. Mas por esta palavra *Victoria* não deve apenas entender-se aquelle pomo de orgulhoso sabor que entre lagrimas e o luto foi colhido. A *Victoria* preparou-se na paz para ser, ainda e sempre, o preço d'uma nova paz laboriosa, fecunda, seca de energias novas. Uma nação não poderá dizer-se victoriosa se após o successo de algumas batalhas e a conquista de novos territorios,

se encontrar completamente exausta nos seus mais profundos elementos de viabilidade. Cumpre defendel-os, preserval-os da morte ou da exaustão, até ao ultimo extremo. Cumpre poupar enquanto houver maneira de poupar-as aquellas energias que, nas epochas de tranquillidade futura, propulsão a grandeza e supremacia nacional. Na verdade, bem triste e inutil será a victoria d'uma nação que, ao cabo da guerra, se encontrar sem os valores humanos que condicionam o seu renovo economico, moral e artistico. E é n'esse perigo terrivel que dolorosamente medito, ao saber que, dentro em breve, os melhores cerebros e as melhores energias d'este paiz, vão expôr-se por virtude d'uma aberração ideologica, aos acasos estupidos da guerra.

Servir a Patria, sim; mas conforme a capacidade e competencia de cada qual. Morrer pela Patria? Nada mais bello nem mais glorioso para nós outros que não saberiamos fazer por ella outra coisa melhor; mas seria, por acaso, justo que uma bala viesse subitamente calar a lyra d'um Correia d'Oliveira?

JOÃO DO AMARAL

Conselheiro Ayres de Ornellas

Chegou ha dias a Lisboa, acompanhado de sua ex.^{ma} esposa, a sr.^a D. Maria de Jesus de Sousa Holstein de Ornellas, o sr. Conselheiro Ayres de Ornellas, antigo ministro da monarchia, nosso illustre collaborador e amigo.

Saudamos affectuosamente o eminente homem publico apresentando-lhe em nome d'A *Ideia Nacional* os nossos melhores cumprimentos de boas vindas.

Aos Monarchicos

Tem-se referido constantemente a imprensa diaria ás difficuldades com que luta, devido á espantosa carestia do papel que attingiu proporções inverosímeis. Eguaes difficuldades assoberbam esta Revista, ou maiores, visto que o papel de luxo que empregamos subiu ainda mais de preço do que o vulgar papel de impressão, succedendo o mesmo com a gravura, as tintas de impressão e outros artigos indispensaveis á confecção d'uma Revista como a nossa.

O papel que a administração d'A *Ideia Nacional* comprou para os seus primeiros numeros foi-nos vendido ao preço de 2.800 réis a resma, preço já muito mais elevado do que o normal. A mesma qualidade de papel custou-nos depois, successivamente, 3.200 réis, 3.500, 3.800, 4.300, 4.500, 5.000 réis, 5.280 e finalmente 5.500 réis a resma, não se podendo esperar que fique por aqui esta assustadora alta.

A gravura que se pagava a 10 e 12 réis o centimetro quadrado, estamos a pagando actualmente a 16 e 20 réis e o mesmo acontece com as tintas e material de impressão.

N'estas condições nenhuma publicação no genero da nossa, com enormes despesas de collaboração e encargos de toda a ordem, pode resistir.

Vêmo-nos, pois, obrigados, muito a nosso pesar e por ser uma necessidade imprescindivel, a seguir o exemplo dos nossos collegas da imprensa diaria, elevando desde hoje o preço de venda d'A *Ideia Nacional* a 100 réis e o preço da assignatura a 5.200 annuaes, ou sejam 2.600 por semestre e 1.300 por trimestre.

Além d'isso e ao contrario do que até aqui faziamos, facilitamos o pagamento por trimestres áquelles dos nossos assignantes que assim o desejarem, embora isso nos cause grande perda pela despesa que representa a cobrança feita trimestralmente. Continuaremos, pois, a cobrar por semestres ou por anno, como até aqui, a importancia da assignatura, recebendo todavia trimestralmente d'aquellas pessoas que expressamente nos manifestarem esse desejo.

Relativamente aos assignantes que já pagaram um semestre, pedir-lhes-he-

mos que, em attenção ás circumstancias imperiosas que nos levam a tomar esta resolução e dando assim uma prova de solidariedade monarchica, considerem a sua assignatura paga apenas por tres mezes, ou seja por 13 numeros, a partir do dia em que começaram a receber.

Esperamos que o publico monarchico comprehenda os fortes motivos que nos levam a esta resolução e continue a dispensar-nos o seu apoio, como até hoje, para que possamos levar a cabo a obra que emprendemos por amor da Patria e por amor de El-Rei.

A Direcção

EXPLICAÇÃO

O ultimo numero do jornal *O de Aveiro* publica um longo artigo em que o sr. Homem Christo Filho é violentamente atacado. N'esse artigo pretende-se fazer crer ao publico que o nosso director se referiu em termos incorrectos ao antigo director d'O *Povo de Aveiro*.

Ora A *Ideia Nacional* apenas duas vezes, depois do seu reaparecimento, falou n'aquelle jornalista republicano. Fel-o em 13 de abril findo nos seguintes termos:

Escrevem-nos varias pessoas commentando desfavoravelmente a attitudo do jornal *O de Aveiro* onde escreve o sr. Homem Christo, antigo director d'O *Povo de Aveiro*.

Sem discutir a indelicadeza das pessoas que se nos dirigem n'esse sentido e que mereciam uma boa correcção, cumpre-nos declarar, afim de pôr termo d'uma vez para sempre a incidentes d'esta ordem, que o Director d'A *Ideia Nacional*, que se chama Homem Christo Filho e assim é conhecido de todo o paiz, só assume a responsabilidade do que diz, escreve e faz, e nada tem com os actos do director d'O *Povo de Aveiro* a quem está ligado pela mais estreita affeição pessoal inherente ás suas relações de familia, cujas virtudes de intelligencia e de carer muito admira, mas com cuja acção politica não tem nem podia ter ligação ou solidariedade de qualquer especie.

O sr. Homem Christo, pae, antigo director d'O *Povo de Aveiro* e collaborador effectivo d'O *Povo de Aveiro* é livre-pensador em materia religiosa, republicano e democrata em politica, independente de qualquer partido.

O sr. Homem Christo Filho, antigo director d'A *Restauração* e director d'A *Ideia Nacional* é catholico em materia religiosa, monarchico e anti-democrata em politica, e faz parte do partido monarchico.

São duas individualidades inteiramente differentes e inteiramente independentes uma da outra, professando opiniões e principios diversos e procedendo, portanto, cada uma em harmonia com o seu criterio.

Em 27 de abril, a proposito da amnistia, dizia ainda A *Ideia Nacional*:

A amnistia votada no parlamento absolven todos os sacerdotes proscriptos, abrindo-lhes as portas da Patria, bem como ao sr. Homem Christo, escriptor e polemista republicano.

Partilhámos commovidamente a alegria d'esses homens que, expulsos da veiga natal e fóra das condições naturaes da sua existencia, melhor do que ninguém poderiam sentir que o amor da Patria é alguma coisa mais do que um preconceito, que não é apenas um habito creado em nós pela satisfação d'um velho compromisso contractual, mas sim uma realidade organica inherente á nossa vida moral e mesmo á vida dos nossos sentidos.

A *Ideia Nacional* envia aos proscriptos amnistiados as suas mais calorosas saudações, especializando, entre todos, o sr. Homem Christo a quem o nosso director está ligado por sentimentos que, como o amor da Patria, são primicias na vida affectiva dos homens.

Nunca mais, nem directa nem indirectamente, esta Revista se referiu a quem escreve no jornal *O de Aveiro*.

E' habito invariavel do sr. Homem Christo Filho responder com a devida energia a todos os ataques que lhe são dirigidos. Ha, porém, d'esta vez um motivo imperioso que o impede de o fazer:—é que o auctor do artigo d'O *Povo de Aveiro* é pae do director d'A *Ideia Nacional*.

Os novos tipos de zeppelins

Os zeppelins do novo typo derrubados em Revigny e em Salonica permitiram aos engenheiros francezes fazerem uma exacta descripção d'essas enormes machinas, mais imponentes do que perigosas.

Em presença do accumulo informe de destroços, não era possivel reconstruir exactamente as dimensões dosapparelhos. Mas, um exame das travessas principaes, a sua curva, o seu limite de tensão, que poderão ser comparados com os materiaes do Z. VIII, que cahira em França em agosto de 1914 e possuía uma capacidade de 22.000 cubos, levaram a esta conclusão: os novos zeppelins cubavam cerca de 30.000 metros. O metal empregado era um pouco differente do precedente; era aluminio endurecido por meio de uma leve liga de cobre e de zinco.

Eis, aliás, as dimensões dos typos precedentes:

Typo 1912, 19.500 metros cubicos; 141 metros de comprimento; 14,80 metros de diametro. Typo 1913, 22.000; 156; 14,18. Typo 1914, 27.000; 158; 16,52. Typo 1915, 30.000; 160 (?), e (?).

A forma não é a mesma. Todos os zeppelins de typos anteriores eram symmetricos, isto é, as suas extremidades eram identicas. O L-Z 77, que foi derrubado em Revigny, como os dirigiveis francezes e inglezes, mais grosso na frente e afinado atrás, o que lhe dava, em egualdade de capacidades, menos resistencia na marcha e, por consequente, maior velocidade com um poder identico.

O L-Z 77 tinha cinco motores do mesmo typo que os dos dirigiveis precedentes, isto é, motores Maybach, do typo conhecido de 180-200 HP, com seis cylindros verticaes de 160 x 170, com o peso de 448 kilos, consumindo cerca de 250 grammas de petroleo por cavallo-hora e dois kilos e meio de azeite por hora e por motor.

O typo 1914 tinha quatro motores e quatro helices. Nos typos 1915, como o L-Z 77, havia, além d'isso, uma quinta helice, collocada atrás da cestinha posterior. D'esse modo, um augmento da velocidade horizontal era obtido, ao mesmo tempo que um acrescimo da velocidade ascencional. Assim, o dirigivel, lançando lastro, inclinando os seus planos verticaes e elevando o seu ponto de mais de quinze graos, podia subir e escapar velozmente. Foi, aliás, o plano seguido pelo dirigivel que visitou Paris a 29 de janeiro de 1916. Depois de haver atirado as suas bombas, elle saltou, apparentemente, atravez das nuvens e desapareceu na escuridão, acima dos aviadores, que o julgavam sempre em vôo a 2.800 metros.

Os typos 1914 transportavam mil kilogrammas de bombas para um raid de 400 milhas marinhas, approximadamente. O L-Z 77 tinha a bordo 1.500 kilos de bombas, isto é, 20 projecteis com o peso de 50, 80 e 100 kilos. Cada bomba estava collocada n'um lançabombas especial, formado por um gancho que o peso da bomba abria, quando esse gancho era desprendido mediante uma corrente electrica, dirigida por um botão na «cabine», o que correspondia ao sistema da campanha electrica com o seu electro-iman. A equipagem descarregou todas as bombas antes que o zeppelin tocasse no solo onde cavaram profundidades de 7 pés e meio, com 17 pés de diametro.

O dirigivel não possuía canhão-revolver, mesmo de pequeno calibre, mas somente seis metralhadoras, duas na plataforma, duas na cestinha anterior e duas na posterior.

DUAS PALAVRAS

POR

HOMEM CHRISTO FILHO



A *Republica*, jornal dirigido pelo sr. Eduardo de Sousa e órgão do governo, tem-se entretido a commentar, com particular insistencia, nos ultimos dias, o brilhantissimo artigo *A' ordem d'El-Rei*, segundamente da serie *Cartas a um liberal*.

aqui publicado pelo nosso querido amigo e illustre collaborador sr. Conde de Monsaraz.

E' pena que *A Republica* não se tenha limitado a discutir as considerações d'esse artigo, como era seu direito, com aquella cortezia e apurmo que a sua qualidade de jornal officioso impunha, mórmente n'esta occasião em que lhe competia dar o exemplo da cordura e do respeito por todas as opiniões e por todas as pessoas que, como o sr. Conde de Monsaraz, cumprem sinceramente e intelligentemente o seu dever patriótico.

As conclusões que o nosso illustre amigo tirava no seu artigo de factos incontestados, só a nós monarchicos interessavam e só a nós cabia discutir o seu fundamento. Eranos e é-nos indifferente, inteiramente indifferente, que os partidarios do regimen dêem ou não credito ás seducções do sr. Conde de Monsaraz, pois não se tratava de convencer os republicanos nem de os aggreir, mas apenas de lembrar a certos monarchicos irrequietos que El-Rei Dom Manuel nunca procede levianamente e não podia deixar, quando deu aos seus partidarios as categoricas instrucções conhecidas, instrucções que só provam o seu grande patriotismo, de ouvir os seus amigos de Inglaterra, paiz nosso alliado, mais numerosos, e por certo mais poderosos, do que pretendem fazer crer á paspalhice republicueira os colericos articulistas das gazetas do regimen.

Tudo isto é muito claro, muito simples, muito razoavel, tudo isto obedecia a um alto fim patriótico que *A Republica* parece não ter querido perceber, e não se comprehende, sendo assim, que o órgão do governo se tenha deixado arrastar, sem duvida irreflectidamente, n'uma campanha tão violenta, tão aggressiva, tão pouco compativel com a sua qualidade de jornal officioso como aquella que vem fazendo em dias successivos e com crescente má fé, con-

tra o sr. conde de Monsaraz e o seu artigo d'*A Ideia Nacional*.

O illustre titular, grande poeta, escriptor politico de raras qualidades e patriota dignissimo, herdeiro d'um titulo glorioso que Sua Magestade El-Rei o Senhor Dom Manuel houve por bem ractificar-lhe do exilio — e isso lhe basta pois nem elle, nem nós, nem ninguem pretende que o regimen que aboliu os titulos nobiliarchicos abra uma excepção para aquelle nosso amigo — não esperava certamente, nem podia esperar, da parte d'um jornal que elle nunca aggreiriu e a proposito d'um artigo em que não havia desprimor para ninguem, uma campanha que mais parece pessoal do que politica, tamanha é a insistencia com que se procura diminuir e ridicularisar, embora baldadamente, um portuguez por tantos motivos digno do respeito e da consideração de republicanos e monarchicos.

Posta a questão n'este pé e porque muito nos magoaram as descortezes referencias feitas ao sr. Conde de Monsaraz, nosso collaborador e nosso amigo, não queremos discutir com *A Republica* e só em ultimo caso e muito contrariado o faremos. Bem sabe o director d'aquelle jornal que não é das suas notaveis qualidades de polemista que nos arreceamos pois nunca até hoje soube-mos o que era ter medo fosse de quem fosse. Apenas nos move uma razão fundamental e essa é que sendo *A Republica* o órgão do governo que desde o primeiro dia declarámos respeitar e acatar enquanto durasse o estado de guerra, em conformidade com as ordens d'El-Rei, e tendo *A Ideia Nacional* compromissos e responsabilidades politicas que deseja honrar e a que não pôde nem quer fugir, seria pouco digno de nós entrar n'uma discussão de que resultaria fatalmente, dada a attitude d'*A Republica*, um conflicto.

Esperamos pois da lealdade d'aquelle nosso collega, expostas estas razões que por certo lhe farão ver a qualidade do nosso patriotismo e a pureza das nossas intenções, que contribua com a sua parte de boa vontade para a obra commun de concordia e união para a qual tão sinceramente temos procurado concorrer, por a considerarmos indispensavel n'esta hora critica da vida nacional.

HOMEM CHRISTO FILHO

A PROPOSITO...

POR

ALBERTO MONSARAZ

Meu caro Director

Já tinha escripto um longo artigo para a sua revista, apreciando devidamente o mal disfarçado movimento de terror, dei quasi de panico com que foi recebida pela imprensa republicana a segunda das minhas cartas *A' ordem d'El-Rei*. Acabo de rasgar.

Não vale a pena responder. Para quê? Pretenderam fazer critica e apenas lograram fazer *blague*, pensaram em refutar as logicas conclusões, que eu chegava e só conseguiram trazer, es, d'algun modo, no seu tão evidente mal humor, uma indirecta confirmação officiosa. Não merecem o esforço d'uma réplica. De resto eu estou prompto a concordar com tudo o que elles quizerem, até que o *Tempo*, em sua alta justiça, venha finalmente fazer-nos, a nós e ao paiz, quem é que no mundo tinha razão.

Desejam porventura que Sua Magestade não tenha jantado, nem almoçado em casa de Mr. Asquith a 26 de janeiro, a 2 de fevereiro ultimos, como consta precisamente d'esta local d'*O Dia*, publicada a 2 do mesmo mez?

EL-REI E A RAINHA EM CASA DE MR. ASQUITH

«O *Seculo* publicou, na sua edição da noite de ante-hontem, este telegramma :

LONDRES, 19. — Está completamente desmentido o boato de que o chefe do governo inglez offerecera um banquete a um ex-chefe de estado exilado na Inglaterra.

Embora se não mencione o nome do ex-chefe de Estado, o que é para extranhar, pôde d'aqui inferir-se que se trata de El-Rei o Senhor D. Manuel. E como *O Dia*, em 5 do corrente, deu, por informação da mais fidedigna origem, directamente enviada de Londres a este jornal, a noticia que pretende desmentir-se, repetimol-a indicando precisamente as datas em que se realisaram, em casa de Mr. Asquith, o jantar com assistencia de Suas Magestades 26 de janeiro — e almoço a que El-Rei o Senhor D. Manuel também deu a honra da sua presença, na quarta-feira 2 do corrente mez.

Pois não almoçou nem jantou. Que ideia! Ninguém falou em tal. Simples phantasia. Querem também que El-Rei, Nosso Senhor, nunca haja conferenciado, depois da declaração de guerra, com os mais altos representantes do governo inglez? Admitto egualmente que não conferenciasse.

Não houve semelhantes entrevistas. E' verdade que *O Dia* a 20 de março trazia bem visivel na sua primeira pagina a seguinte informação que eu suppunha, como todas as outras que transcrevi, ha já muitas semanas transitada em julgado, com a silenciosa approvação das estações officiaes e a confirmação tacita da imprensa governamental :

EL-REI EM INGLATERRA

«Noticias fidedignas que tivemos esta tarde de Londres habilitam-nos a confirmar o que dissimos aqui sobre os convites que Mr. Asquith fez recentemente a El-Rei o Senhor D. Manuel e á Rainha Augusta Victoria e que Suas Magestades se dignaram

aceitar. Posteriormente El Rei tem conferenciado por vezes com Mr. Asquith e com sir Ed. Grey, assegurando-lhes a sua mais estreita identificação com a secular alliança ingleza e a manutenção das tradicionaes sympathias de Portugal pela Grã-Bretanha.

Dizem também estas nossas informações de Londres que em todas essas *démarches* tem tido uma intervenção muito directa e efficaz e também muito patriótica o sr. marquez de Soveral.

Suas Magestades Britannicas teem sido sollicitas em renovar, n'esta conjunctura, á Familia Real exilada as provas mais inequivocas e captivantes d'uma alta e carinhosa estimã, o que muito folgamos de registar.»

Isto, porém, não passa d'uma invencione grosseira com que algum de má fé procurou enganar, enchendo-o de regosijo, o nosso grande jornal da noite. El-Rei conversar em assumptos diplomaticos, estando a poucos kilometros do *Foreign-Office* com Mr. Asquith, Sir Edward Grey, o Marquez de Soveral, etc., etc.! Tudo pessoas que Elle não conhece, que Elle nunca viu. Impossivel. Totalmente impossivel.

Não gostam ainda os nossos republicos senhores que a grande imprensa de Londres, tratando como Rei o Senhor Dom Manuel II louve o gesto patriótico das suas instrucções aos monarchicos e saliente a perfeita identidade de vistas, os apertados laços de intimidade dinastica que prendem as duas Familias Reaes de Inglaterra e de Portugal? Estejam e fiquem desencanados: tal não succedeu, nem poderia succeder. Um simples boato maldoso. Nada mais! Fui eu até, se bem me recordo, sentado na minha cadeira de braços, entre o almoço e o chá das cinco, aborrecido de não ter nada que fazer e magado de estar aborrecido por esse motivo, que me lembrei de mandar este communicado para o *Times*, cujo director conheço de pequeno, communicado que a 24 de março *O Dia* transcreveu :

KING MANOEL'S MANIFEST TO ROYALISTS

«O patriotismo e amizade pela Grã-Bretanha e pelos Alliados, que determinaram o Rei Manuel a dar estas instrucções aos seus amigos, serão profundamente apreciadas aqui.

A sua attitude é a que deveria esperar-se d'um representante d'uma Casa Real unida á da Grã-Bretanha pelos mais estreitos laços de amizade.

As suas instrucções mostram que todos os seus actos pessoais e partidarios são subordinados ao patriotismo e não de dar um valioso reforço ao governo nacional de Portugal, durante a guerra.

Acaso não consentem os abalisados timoneiros do Regimen que o Senhor Ministro de Inglaterra, entrevistado a meu respeito, por um reporter de barrete frigio, tenha respondido a esse reporter apenas com as vulgares phrases protocolares de ignorancia e as não menos protocolares affirmativas de neutralidade? Pois então foi um lamentavel engano. Clarissimo. O apreciado diplomata negou terminantemente, formalmente, todos os resultados das minhas deducções. Sinto-me esmagado. Pretendem mais, para attenuar o effeito do banquete offerecido ha tempos pelo Senhor Carnegie ao Senhor Duque de Palmella, que Sua Excellencia se dissesse *velho amigo* do illustre fidalgo portuguez? Está bem. Não resta duvida que disse. Ponto assente. E' certo que ha quem conteste que o Senhor Carnegie pudesse ter usado semelhante expressão de affecto, pois só desde agosto de 1915, ainda não ha um anno, mantem com o Duque cerimoniaes, embora cordiaes relações de sociedade. Mas quem tal affirma é um réles e misero boateiro, digno de ser aprisionado e desterrado pelos ultimos decretos de Salvação Publica. O Embaixador e o Duque são effectivamente *velhos amigos*, conhecem-se de creança, brincaram juntos, talvez tivessem a mesma ama. Não se fala mais n'isso que é melhor.

Querem os habilissimos *chauffeurs* da imprensa governamental que eu tenha o maior dos desprezos pelo Senhor Moreira d'Almeida, um qualquer escripta que ninguem pôde admirar a dentro do partido monarchico? Valeu. Detesto sinceramente o Senhor Moreira d'Almeida. Nem consigo encalhar-o a sangue frio. Por isso não haja teimas. Até aqui suppunha eu ter pelo director d'*O Dia* a maxima consideração como combatente jornalístico e defensor inquebrantavel da causa de El-Rei. Cuidava reconhecer-lhe os maiores sacrificios pessoais, do insulto ao espancamento e da cadeia ao exilio, só por não querer nunca transigir nem pactuar com a mentira social que o regimen significa, por voltar logo ao seu posto de luctador no journalism monarchico (quantas vezes occupado sósi-nho!) sempre que lhe era permittido. Julgava estar bem seguro de que, se hoje exis-

te em Portugal espirito anti-republicano, deve-se isto em grande parte, quasi exclusivamente ás altas qualidades politicas d'*O Dia* e do seu director, que em 1911 e 1912, por assim dizer, agarraram pelos cabellos a opinião publica realista, não consentindo que ela se abismasse na mais degradante das adhesões collectivas. Suppunha até agora pensar d'esta maneira. Pura falsidade. Não sei quem é o Senhor Moreira d'Almeida. Nunca li, nunca admirei os artigos esplendidos d'*O Dia*. Calculo até que nem existe semelhante folha e, se existe, mal chega a ser uma folha de cardo para alimento jornalístico dos seus contradictores. Assim é que está certo, não é verdade? Pois seja assim.

Imaginam ainda os marechaes da hoste revolucionaria que eu ando arreliaissimo por me chamarem Papança, Papança Junior, Simões Papança, Papança Fernandes e não sei mais quê? Não quero desilludil-os.

Tenho passado uns dias mesmo raladinho de todo. Não como, nem bebo, nem durmo, o que é, para quem se apelida Papança, o maximo dos sacrificios. Que raiva! E eu que pensava orgulhar-me, com fundo orgulho, d'esses anonymos ascendentes vinhateiros e lavradores, honrados homens do povo que formam, para além da recente dinastia litteraria fundada por meu Pae, uma vasta e nobilissima aristocracia rural onde, se houve sempre muita gente que lavrou, nunca houve ninguem que calumniasse ou que mentisse. Eu que presumia esforçar-me, como bom integralista, em honrar dia a dia os meus Avós, fossem Papanças ou Simões, no altar intimo da minha consciencia, não usando os seus nomes pela simples razão de nunca os haver usado e, portanto, d'uma forma official já não me pertencerem. Como andava enganado commigo mesmo! Estou positivamente furioso!

Más piadas! Pessimas piadas! No entanto, se os senhores directores da Associação Civil Republicana com isso podem consolar-se, passo de ora ávante (hoje inda não, mas para as outras vezes) a assignar-me democraticamente e por extenso: ALBERTO SIMÕES FERNANDES COELHO DE EVORA MACEDO PAPANÇA. O COELHO ainda elles não conheciam. Pois bem, consinto que o matem com a mesma cajadada. Vou já requerer ás secretarias das escolas de Coimbra, primarias, secundarias e superiores, onde existem documentos officiaes simplesmente assignados ALBERTO MONSARAZ, para se inutilisarem todos esses vestigios compromettedores d'um vasto logro nobiliarchico, que não deve subsistir, vindo-me agora forçado, Deus sabe com que magua, a pôr-lhe como ponto final, a mais torturante das decepções. E adeus por hoje, meu caro Director. Estou vendo que não poderei collaborar mais na sua magnifica revista. Você é um combatente esforçado, que nunca transigiu nem vergou. Eu, toda a gente sabe, mal me cheira a esturro, desdigo-me sempre miseravelmente. Sou por tudo que elles queiram, contanto que me deixem em paz e então, n'este caso concreto, fico mais rasteiro do que a poeira da estrada. Sinto-me julgado, condemnado pela opinião publica. Só tenho um recurso: — *O Tempo*. Elle que fale e que decida em ultima instancia. Tem a palavra.

Abraça-o cordialmente o seu camarada e admirador

Lisboa, 14 de Maio de 1916.

CONDE DE MONSARAZ

Falta de espaço

Por razão da falta de espaço somos obrigados a retirar d'este numero algumas das nossas secções principaes, como *Theatros*, *Factos e Criticas* e *Aspectos da guerra*.

No proximo numero da *Ideia Nacional* publicaremos artigos do sr. conselheiro Luiz de Magalhães, Alfredo Pimenta e Antonio Sardinha, este ultimo sobre o livro *Pão Alheio*, do nosso presado collaborador Luiz d'Almeida Braga.

Serão também publicadas na pagina dedicada á *Vida Agricola* dois interessantes estudos da especialidade, tratando um de um problema de viticultura e versando o outro sobre questões de economia social.



Na roda do tempo

POR

LUIZ D'ALMEIDA BRAGA

III—Verdades sociaes

As ultimas eleições em Hespanha foram funestas para os velhos idolos republicanos. A consciencia nacional tomou posse de si mesma. As estatisticas ultimamente publicadas mostram que, emquanto em Madrid os mauristas obtiveram, sobre os escrutinios anteriores, um augmento superior a 50 %, os republicanos baixaram dos 20.000 votos de 1914 e dos 40.000 de 1910, á cifra de 18.000.

As lições da politica sectaria seguida pela republica portugueza, não passaram despercebidas aos nossos attentos vizinhos. O exemplo diario d'um regimen de perseguições e violencias, entorpeciu para lá da raia a propaganda que até então parallelamente se desenvolvera nas duas nações peninsulares. A phrase de Mella apparece resplandecente de verdade aos olhos espantados da velha Hespanha: *La democracia mengua, á medida que el democrata sube*.

E Azcarate, envelhecido no culto dos falsos dogmas de 89, tendo feito da sua vida, forte e sem macula, um motivo de estudo e de trabalho, vê-se afinal arredado do parlamento, primeiro pela grande massa popular, depois pelo suffragio restricto dos seus collegas da Universidade. A sua derrota deve-se não só á actividade dos conservadores hespanhoes, mas tambem, e principalmente, ao descrédito que envolveu e encheu de ridiculo as gastas e ôcas palavras da ideologia revolucionaria.

O fracasso de Azcarate em Léon deu logar ao formidavel triumpho de Mella, o verbo ardente do tradicionalismo hespanhol; e da Universidade sahiu tambem vencido o velho liberal, para que fôsse ainda a voz d'um catholico que viesse a ouvir-se no parlamento.

El Pais, orgão republicano, confessa: «Nos consideramos derrotados, vencidos. A la sombra de la cruz, Maurra e Vázquez de Mella han obtenido su primera victoria».

Azcarate era o candidato official. Mas a Federação dos professores, querendo ter no Senado um representante, que verdadeiramente os representasse a todos, poz de banda as imposições do governo e votou com consciencia n'um seu collega de convicções oppostas ás de Azcarate, recentemente feito reitor honorario da Universidade.

E eu não sei ainda como os chamados democratas poderam censurar o procedimento dos professores da Universidade, quando elles deram uma alta prova de sinceridade, de principios, de independencia eleitoral, pondo o suffragio livre e acima de solicitações e de favores.

Ao lado de Azcarate, e apoiando-o, estava o conde de Romanones, presidente do ministerio, e o seu partido, Dato e os *idóneos*, o Instituto de Reformas Sociaes, o reitor da Universidade, o Instituto de Ensino Livre e os republicanos reformistas.

Movera-se uma activa campanha em favor da sua candidatura. Entretanto o seu competidor, sr. Orteja Morejon, apenas consentiu que se fallasse no seu nome.

E' claro o significado do fracasso de Azcarate: não é um homem vencido, é um partido derrotado. As ideias revolucionarias estão finalmente condemna-

das. A guerra purificou o mundo. E a victoria dos principios monarchicos, com tudo o que elles suppõem de força, duração, prosperidade, disciplina, ordem, continuidade, tornou-se um facto.

Não ha tradição viva sem um órgão estavel que a representa e interprete. Começa-se a ver que o parlamentarismo produz por toda a parte os mesmos deploraveis effeitos: incoherencia na direcção dos negocios publicos, imprevidencia na legislação, o interesse nacional sacrificado ao interesse dos partidos, os direitos das minorias desprezados, os eleitos corrompendo os eleitores e os eleitores corrompendo os eleitos...

No prefacio da *Comedia humana*, em 1872, Balzac escrevia propheticamente: *L'élection étendue à tout nous donne le gouvernement pour les masses, le seul qui ne soit pas responsable et dont la tyrannie est sans bornes parce qu'elle s'appelle la loi*.

Nunca uma eleição pôde representar os elementos essenciaes da nação. Uma nação não se compõe só dos vivos: compõe-se tambem dos mortos e dos nascituros. Sem os mortos não se teria ella formado. A actividade d'elles prolonga-se nas obras que deixaram. Os seus direitos não estão portanto abolidos. Os nascituros são a promessa de vida da nação, a condição essencial da sua existencia futura. Desprezar ou negar os seus interesses, é comprometter a propria vida da nação.

O *Periodico dos Pobres no Porto* inseriu nas suas columnas um pittoresco dictionario das grandes palavras que faziam a moda de 1843. O bom-humor faz resaltar ainda a verdade das suas definições. Vejam estes tres exemplos: **SOBERANIA DO POVO**—a prerogativa que o povo tem de escolher por quem quer ser comido; **DEPUTADO**—relógio parlamentar, que anda quando o ministerio lhe dá corda, e pára se o ministerio se descuida de dar ao registo; **CÓRTEES**—especie de casas onde se compram as consciencias novas para remendar as velhas.

E, como se previsse os dias luminosos da Republica, diz que *Liberdade é mantimento com que uns engordam, e outros emagrecem*.

Em nação alguma do mundo foram os soberanos mais estimados e respeitdos do que na nossa; e tambem em parte nenhuma os Reis diligenciaram tanto por merecer essa estima e conservar esse respeito.

Nunca a administração da justiça correu longe das suas vistas, por isso foi ella sempre feita com doçura e com egualdade. Freqüentemente corriam o reino, iam de terra em terra, sem mais apparato nem grandeza que outro senhor de sua côrte, para por seus olhos verem se os ambiciosos opprimiam os povos e abusavam da sua confiança e auctoridade.

A sociedade civil fundava-se então sobre a sociedade de familia. O poder monarchico era o poder paternal, regulado, como elle, pelo amor. E porque o Monarcha era um pae, como um pae se comprazia em consultar os seus filhos sobre aquellas coisas que lhe pareciam duvidosas, ou em ouvir-os nas suas representações respeitadas.

A *minha vida foi feliz, porque Deus fez-me rei de Portugal*, exclamou D. Diniz na hora da sua morte. E juntou: *Vejo ao morrer que não foi a minha vida inutil. Nada se oppõe por conseguinte a que eu tenha morte socegada, e, se*

me restasse algum pezar, seria o de não ter tempo bastante para vos dar a todos provas do meu affecto. Por que esse affecto é tamanho que vos dou a minha palavra real que os vossos paes não podem sentir nem mais vivo nem mais profundo. E voltando-se para o infante seu filho: recomendo-te que ames o teu povo, porque serás rei do povo mais valente e mais leal que jámais foi governado por um monarcha infiel ou christão. Exerce o teu poder com amor e com doçura.

Eram n'esse tempo menos as regalias da corôa que os fóros da nação. Hoje o senso politico está completamente adormecido na maior parte dos nossos compatriotas. Os negocios publicos estão confiados aos mais mediocres, aos mais turbulentos, aos mais ambiciosos. O paiz inteiro foi sacrificado ao ideal dos membros d'um club, que nem ao menos é constituído só por portuguezes.

O partido republicano não é capaz senão de perturbar as ruas, dizia Laurentie. Só pôde conservar a ordem prendendo e matando, quer dizer, originando a desordem.

A democracia, pelo seu espirito e pelas suas instituições, torna instavel e enfraquece a vida da nação constituída sobre as mais solidas bases. Leiam-se as confirmações da Historia, os exemplos claros e apavorantes das democracias antigas e modernas. Invoque-se a Athenas de Filipe ou a Polonia do tempo de Catharina e de Frederico, e colher-se-ha o mesmo ensinamento doloroso d'uma independencia desfeita pela miseria do regimen electivo.

Esses polacos, fieis ao *Liberum veto*, não eram anti-patriotas, nem o eram tão pouco esses athenienses que as discordias dos partidos dividiam. Sem o querer, pretendendo até o contrario, elles trabalhavam afinal para a perda da sua patria. «Mas tal he a difficuldade da existencia das democracias que os Archontes fizeram-se despotas, e tyrannos, e a chamada republica de Athenas só se salvou pela abolição das Leys de Dracon substituidas por uma fórmula inteiramente Aristocratica que Solon lhe deu». (Visconde de Santarem, *Inéditos*).

As instituições corrompem os homens, portanto uma acção immediata deve convergir sobre o terreno politico.

Jámais houve sociedade prospera que não assentasse n'uma base politica hereditaria. A todo o elemento de ordem e de prosperidade corresponde sempre um elemento de hereditariedade politica, verifica um dos mais bellos espiritos contemporaneos.

As duas forças que devem reger a nação e constituir os solidos fundamentos do seu progresso, são a tradição e a organização ou jerarchia, cujo ponto de coincidencia é a hereditariedade.

Nunca a democracia teve a estima dos pensadores. Quasi todos, de Platão a Renan, se declararam resolutamente adversarios dos seus principios, e se os acceitam, é com tantas reservas, que essa approvação limitada e theorica equivale a uma negativa.

Rousseau, a quem, com tanta propriedade, Bonald chama o *romancista da vida selvagem*, confessa algures que não tinha senão que consultar-se a elle mesmo sobre o que lhe convinha fazer; tudo o que elle sentisse ser bem, era bem; tudo o que sentisse ser mal, era mal. Considerando a consciencia o unico guia do homem, Rousseau formulou

a negação de toda a auctoridade espiritual.

A questão do regimen não nos interessa a nós sob o ponto de vista abstracto e juridico, como Rousseau expôz. E' só em relação ás conveniencias e ás necessidades de Portugal que ella nos preocupa.

No primeiro congresso nacionalista italiano de Firenze, depois de se ter riscado o principio inscripto na circular de convocação, que punha de banda qualquer discussão de fórmulas de governo, de maneira a que os republicanos tivessem logar n'essa assembleia, tambem os republicanos italianos mostraram não entender a doutrina nacionalista, que põe a Patria acima de tudo, para se entreterem unicamente com os nebulosos subjectivismos dos seus vagos principios.

Assim tambem os politicos portuguezes, apertando romanticamente contra o coração os interesses das outras nações, se esqueceram de velar pelo nosso interesse nacional.

Portugal, como outr'óra a republica pilaca, soffre e morre d'um mal constitucional; e esse mal chama-se regimen electivo. O principio electivo submete o paiz a trez principios anonymos e sem responsabilidade: a administração, a opinião e o dinheiro.

Quando, ha pouco tempo ainda, o parlamento norueguez teve de escolher entre monarchia e republica, a monarchia foi preferida por 100 votos contra 4, tendo o chefe radical votado pela monarchia. E a alguém que estranhava vê-lo assim ao lado da realeza, elle respondeu que preferia, sem hesitar, a monarchia por trez razões: porque é mais barata, porque dá mais liberdades, porque tem mais auctoridade para defender os interesses permanentes do paiz em face do estrangeiro.

A unidade social unicamente pôde ser mantida pela hereditariedade da função suprema.

O Rei é a alma visivel da Patria. E si concentra a nação inteira, no seu desenvolvimento historico e no seu progresso futuro. Os nossos deveres em frente d'elle são os mesmos que em frente da Patria; os seus direitos sobre nós são os da Patria que elle symbolisa.

LUIZ DE ALMEIDA BRAGA

Aos nossos assignantes

Já começamos a enviar para as estações do correio os recibos d'assignaturas correspondentes a um semestre. Rogamos aos nossos presaros assignantes a especial fizeza de os pagarem logo que elles lhes sejam apresentados, assim nos evitarão grandes prejuizos.

Para elucidação dos nossos assignantes reproduzimos aqui, mais uma vez, a nota que publicamos no numero 19 d'A Ideia Nacional, que é do teor seguinte:

Quando A IDEIA NACIONAL se viu forçada pelo exilio do seu Director, a interromper a sua publicação, muitos dos nossos amigos tinham já pago o primeiro trimestre da sua assignatura, não chegando todavia a da sua assignatura, a que tinham direito. Aqueles dos nossos leitores que desojetem ser indemnizados do prejuizo soffrido, pedimos o favor de o participarem ao Sr. João do Amaral, redactor-chefe da IDEIA NACIONAL, Rua da Emenda, 45 r/c—Lisboa, afim de lhes ser enviada gratuitamente esta revista durante 6 numeros, a que tem direito.

O segundo banquete d'A IDEIA NACIONAL

Realisado em Lisboa no dia 9 de Maio de 1916



OS ORADORES DO BANQUETE

Da esquerda para a direita: José Cordeiro Ribeiro, representante da Academia Monarchica de Santarem; dr. Xavier Cordeiro, Homem Christo Filho, Dom Luiz de Castro, Conde de Monsaraz, dr. Alvaro dos Reis Torgal, dr. Antonio Sardinha, Dom Francisco Daun e Lorena (Pombal), João do Amaral e José Pedro Folque.

O segundo banquete dos colaboradores d'A *Ideia Nacional* que, como tínhamos anunciado, se realizou no dia 9 do corrente no Grande Hotel Central foi uma imponente manifestação em que se afirmou de toda uma vez mais a estreita união de todos os monarchicos, a sua fideipatriótica. "El-Rei e a nossa attitud

A qualidade parte ou que env pessoas que tomaram te banquete, acabam a sua adhesão a escom que adversari desfazer as intrigas teem procurado sem pouco escrupulosos dem entre as fileiras a divisão e a desor-sa Monarchica, que se servidores da Cau-que nunca unidos em v do Senhor Rei Dom Manuel e decididos, speitar e cum-prir as suas instrucções p. oticas. Presidiu o segundo ban- e d'A *Ideia Nacional* o sr. Conselheiro m Luiz de Castro, Conde de Nova Gôa, m das mais illustres e nobres figuras da Mo, chia, um d'aquelles nomes immaculados a calu-mnia republicana jámais conse- attin-

Pelo seu talento, pela sua rara cura, pela sua austeridade moral, pela sua di-cação pessoal ao nosso augusto Sobera, o sr. Conselheiro Dom Luiz de Castro est, a naturalmente indicado para presidir a es-manifestação, onde lhe foi prestada a devid-homenagem e o seu concurso reclamado pel-os novos, cuja força se vae affirmando ca-da dia á medida que a sua missão se vae de-finindo e precisando.

Com effeito, um dos resultados do segun-do banquete d'A *Ideia Nacional* onde se viam reunidos os mais distinctos represen-tantes da mocidade portugueza, foi mostrar a orientação conservadora das novas gera-

ções, que se declaram, ao contrario do que succedia ha uns annos atraz, integralmente monarchicas e integralmente catholicas.

Nada podia haver de mais consolador para o nosso espirito de humildes pioneiros da causa da Patria, do que constatar a modifi-cação profunda que se tem operado, duran-te os ultimos seis annos, na alma das gera-ções que nos fazem a honra de escutar a nossa palavra e seguir o nosso exemplo.

A' hora dos toasts, depois do nosso reda-ctor em chefe ter lido as cartas e telegram-mas de felicitações e adhesão recebidas na meza e entre as quaes citaremos as dos srs. Conde de Bertandos, Conde de Sabugosa, dr. Caldeira Coelho, dr. Luiz de Almeida Braga, dr. João Henriques Ulrich, D. Luiz Henrique de Lencastre (Alcaçovas), dr. An-nibal Soares, D. Antonio de Lencastre, D. Thomaz de Mello Breyner (Mafra), J. A. Moreira d'Almeida, Conselheiro Francisco Cabral Metello, Rocha Martins, D. José Paulo da Camara, Conde da Ponte, dr. San-tos Farinha, Manuel dos Reis Torgal, dr. Joaquim dos Reis Torgal, dr. Domingos de Carvalho Megre, dr. Jayme Duarte Silva, Conselheiro Antonio Cabral, capitão Fran-cellino Pimentel, capitão Silveira Ramos, Conde de Caria, João Costa, dr. João Morei-ra de Almeida, José Albino de Sousa Rodri-gues, dr. Domingos Pinto Coelho, dr. Al-berto Pinheiro Torres, dr. Preto Pacheco, dr. Antonio Emilio de Almeida Azevedo, Visconde de Montargil, dr. Valle Guima-rães, Conde de Tarouca, Jorge Collaço, dr. Ivaro de Sousa Rego, Conde das Alcaço-s, Conselheiro Luiz de Magalhães, Carlos R., Barão de Linho, Visconde de Maior-ca, Marques do Lavradio, Conselheiro Fran-cisco Antonio Patricio, Conselheiro Jayme Forja de Serpa Pimentel, dr. Armelim Ju-nior, o Francisco Manso Preto Cruz, Con-selheiro José Fernando de Sousa, João Fran-

co Monteiro, Conselheiro Costa Allemão, dr. Eduardo Burnay, Jorge da Costa, dr. Mario de Artagão, Henrique Gonçalo Bur-nay de Mello Breyner, dr. Mario Pinheiro Chagas, Luiz de Freitas Branco, etc., etc., erguen-se o sr. Conselheiro Dom Luiz de Castro, Conde de Nova Gôa, que proferiu commovidamente o seguinte notabilissimo discurso:

PALAVRAS DE DOM LUIZ DE CASTRO

Certamente por ser o mais velho de todos os collaboradores effectivos inscriptos no primeiro numero da nova série d'A *Ideia Nacional*, fui chamado a presidir ao jantar de confraternização que vamos findar.

Nenhuma outra qualidade, nenhuma po-sição ou cargo, dentro ou fóra das forças monarchicas, me indicava para occupar este logar.

Devo-o á amabilidade do director e do re-dactor principal da revista que resurgiu acompanhada do notorio e grande exito que lhe garantiram não só a intelligencia e zelo profissionaes dos seus dirigentes como a sua orientação politica geral e particular. Qui-zeram esses senhores honrar os meus cabel-los brancos com um rasgo gentil. Agradeço-lh'o. Mas a verdade é que entre as côres garridas e alacres das flores da mocidade que cercam A *Ideia Nacional*, a minha neve destoa. Eu bem sei que ha geada na prima-vera, mas sempre é mal recebida pelos la-vradores. Temó que me succeda o mesmo entre os que tão primorosamente lavram e semeiam a Causa Monarchica. Para esses, porém, espero que me seja attenuante re-cordar-lhe que brancos são os fios que tecem a metade da nossa gloriosissima bandeira azul e branca de neve. E ao evocal-a surge a ideia da Patria. Para ella, peço que seja a nossa primeira lembrança como é a minha

e certamente a nossa primeira preocupa-ção.

A Patria de Ourique, de Dom Diniz, de Aljubarrota, do infante Dom Henrique, de Dom João II, de 1640, da expulsão dos fran-cezes, de D. Pedro V, de Dom Carlos I, da aclamação do dia 6 de Maio de 1908.

Essa Patria tão grande e tão gloriosa, que na terra e nos mares foi enorme, cuja força era tão collossal que só a tradição d'el-la foi bastantemente grande nas mãos d'um grande Rei para trazer, contemporaneamente, até nós, os chefes das maiores nações do mundo!

Força que era como a luz d'aquelles pla-netas que se extinguiram, luz que ainda vem a caminho dos nossos olhos e que ainda nol-os faz erguer para o Céu.

Assim a nossa força nacional e racica nos levanta a alma e o peito. E se não cabe em nós fazer resurgir estrellas no firmamento, em nós temos elementos para fazer renascer a grande Patria portugueza.

E' pôl-os em jogo. E' trabalhar.

No trabalho está a redempção. Esforce-se cada um de nós por ser perfeito, nas suas obrigações, na sua profisãso, no seu officio, na sua arte, na sua sciencia, no seu escam-bo; imponha-se cada qual o dever de cum-prir o seu dever de chefe de familia; não nos intromettamos nas vida uns dos outros, não queiramos todos mandar nos assumptos da politica, mesmo tomando a palavra no seu sentido mais especulativo, e o foco de força nacional encher-se-ha novamente de energias creadoras. Mas para realizar esse trabalho de que depende a integridade e a grandeza patrias é absolutamente necessa-rio saber uma coisa, a que o portuguez é muito avesso: saber obedecer ao chefe.

Calcule-se o que seria uma fabrica em que todos os operarios mandassem, pondo de parte as indicações do director; em que o

serralheiro quizesse fazer a obra do gravador e o empacotador a obra do tecelão e todos desacatassem as ordens do gerente.

Imagine-se se nas propriedades que administro, cada trabalhador ou cada grupo de trabalhadores entendesse desrespeitar as minhas ordens e fizesse o que entendesse, nas meliores das intenções; seria a ruína; a colheita dispersa, fraccionada, variada ao infinito, desordenada, resultaria desastrosa. E' uma affirmativa que não carece de demonstração. Está no espirito de todos. Seria o descalabro como fructo da desobediencia.

Remontando do particular para o generico, attingindo-se os grandes agrupamentos politicos chega-se inexoravelmente á mesma conclusão de que a obediencia ao chefe é a pedra basilar de toda a construcção e que a desobediencia tudo destróe. Ponham-se em confronto duas organizações politicas. N'aquella em que os partidarios ou grupos de partidarios fizerem das ordens do chefe o caso que aquelles operarios fazem das do gerente, o resultado será identico: a ruína do seu ideal politico como aqui a ruína da economia industrial.

E como da politica depende a sorte das nações, a ruína politica d'um partido póde muito bem ser a ruína d'uma patria!

E agora que todas as patrias estão perigosamente enfermas e com ellas a nossa, mais do que nunca é exacto o raciocinio que tenho guiado.

As forças monarchicas portuguezas, das quaes depende unica e exclusivamente a integridade patria, teem—Deus seja louvado!—um chefe que sabe mandar, um chefe que oito seculos de reinado não envelheceram. A virtude primordial da nossa formula politica é essa.

Emquanto na republica um presidente encontra a fraqueza no envelhecimento de tres ou quatro annos de governo individualista, sem raizes no sub-solo patrio que o aviventem, sem ramada que dê sombra e abrigo á grey, na Monarchia o Rei é tanto mais forte, tanto mais consubstanciado com a raça e tanto mais protector das gentes, quanto de mais remotas eras vem.

O nosso Rei, que por motivos fortuitos está temporariamente afastado de Portugal, e de cuja dedicacão á causa publica, de cujo saber e de cuja intelligencia os detentores actuaes do poder teriam dado sobeja prova n'uma bem conhecida publicacão official, se necessario fosse um testemunho insuspeito ao convencimento do seu povo; o nosso Rei está em condições por sua natureza, e mais nada seria preciso, mas tambem por sua localisacão n'este momento, de observar os acontecimentos muito d'alto e de os sentir como essencia da sensibilidade nacional, como quem de direito encarna e representa a alma portugueza e todas as suas aspirações. Os interesses de Portugal são os interesses da Monarchia e são os d'El-Rei.

O que Elle nos diz, a orientacão que nos dá nos tremendos instantes que vamos vivendo, não podem deixar de ser as meliores palavras e os meliores signaes para bem da Patria.

Ninguém tem elementos para os discutir, e antes que os tivéssemos não o deveriamos fazer, mas temol-os para obedecer como monarchicos e como patriotas.

E o que faço.

Desde agosto de 1915 que os monarchicos portuguezes conhecem, por carta tornada publica, o parecer d'El-Rei que o telegramma de 15 de março ultimo, como era de esperar, mais accentuou.

A essa communicacão, que representa um heroico sacrificio pessoal feito no altar da Patria, com uma grandeza d'animo singular e que profundissimamente commove, comprehendendo-se na sua mais nobre significacão de amor á terra e á gente de Portugal livre, correspondeu a republica com descortezia, odio e mesquinhez, como que desviada com tamanha grandeza d'animo da parte do adversario, perante os males da Nação.

Foi esse telegramma expedido de Inglaterra antes da formação do ministerio actual.

A resposta da republica ao telegramma d'El-Rei foi a immediata organisacão do actual governo, abusivamente chamado nacional, alcunha que a si mesmo se deu, pois que tal nome não merece nem póde usar dignamente, por ser a negação da verdade.

Nem nacional na constituição, nem nacional nos intuitos da politica interna, pois que em lugar de a todos os portuguezes nivelar em face da Nação em perigo, sobre manter a perseguição religiosa contra nós todos que somos catholicos, manteve tambem com uma amnistia manca as leis de banimento para alguns dos maiores portuguezes contemporaneos, entre os quaes alguns seriam enormes em qualquer paiz do mundo e aos quaes n'esta occasião enviam os monarchicos aqui presentes a mais calorosa e a mais saudosa das homenagens. N'este momento em que se glorifica o nome de Joanna d'Arc e em Portugal se lhe liga, e justamente, o de Nun-Alvares Pereira, não é demais recordar, sem desprimor para ninguém, a Henri-

que de Paiva Couceiro, tão valente como elles, tão desprendido dos bens terrenos como elles, tão apaixonadamente patriota como elles.

Sem esses portuguezes, a familia nacional não está completa no transe gravissimo que passa e a familia monarchica sente-se inferiorizada pelo Estado perante o perigo da Patria; sente-se banida solidarizando-se com seus grandes soldados ausentes do sagrado campo de acção onde tem tanto direito a estar nos primeiros logares de actividade, muito mais direito do que a gente republicana porque não vem de 1910, nem da Rotunda; mas sim do seculo XII e d'Ouriç, porque atraz de si tem seculos de gloria, porque seus arados trouxeram a terra maninha do territorio conquistado á existencia economica e moral da Nação; porque seus estandartes, balsões e bandeiras tremularam em todas as partes do mundo e em todos os campos onde se derimia a honra de Portugal. Esse patrimonio das tradições nacionaes que são a nossa opulencia, se são monarchicas são tambem da Patria. Com ellas desfeitas ou empallidecidas, Portugal nada representa.

E quaes são os portuguezes que mantem o culto da tradição gloriosa de Portugal? Serão os que apoucam o valor d'esses feitos da nossa grey e a grandeza dos nossos heróes em fallas, jornaes, livros e folhetos de instrucção, para as creanças e para o povo? Não. Elles são os monarchicos, são aquelles que pelos seus rasgos as conservam no animo nosso, são esses que veem á estacada intemeratamente rebater todos os dias as falsidades e as mentiras de que se pretende roedar a historia dos nossos Reis e dos nossos heróes; são os d'essa phalange de moços enamorados da Patria que eu aqui saúdo com verdadeiro entusiasmo e legitimo orgulho de portuguez, nova ala d'Aljubarrota, que á falta de montante empunham a penna galhardamente e praticam entre outros feitos essa série de conferencias altivas e scientificas e nobilissimas que constituem hoje o volume denominado *A Questão Iberica*: são os nossos jornalistas das cidades e das provincias á frente das quaes está o primeiro jornalista portuguez Moreira d'Almeida, cujos serviços á causa monarchica e á Patria são comparaveis só á sua intemerata dedicacão e ao primor da sua escripta, e que ainda ha dias escrevia no seu jornal os commentarios que são modelos d'arte em litteratura e de patriotismo em politica, intitulados um a *Ordem Publica* e outro *Portuguezes!* traduzindo exactamente a opiniao de todos nós monarchicos, obedientes ás ordens de El-Rei.

São esses recém-chegados, trazidos pela bronzea logica de seus racioeinos do campo resplandecente de europeus e de situações pingues da republica ao nosso arraial bisonho e cheio de situações perigosas: são Cunha e Costa, o advogado e jurisconsulto insigne, e Alfredo Pimenta, o mestre do bom senso, o cientista, o unico jornalista que no campo republicano havia; são polemistas e historiadores como o novo academico Rocha Martins, em quem se não sabe o que mais admirar se a sensibilidade da lamina se a exactidão do golpe e que é legitima gloria d'uma geração litteraria... e tantos outros!

Esses são os que, atravez de tudo, conservam a justa ideia da Patria, na mente de Portugal.

Mas aquelles são os que a Republica exclue do paiz e a estes como aos outros manda apodar com epithetos odiosos e infamantes, agulando contra elles a ingenua, a cruel multidão! Assim responde á generosa ordem d'El-Rei aos monarchicos e á obediencia fiel dos monarchicos a El-Rei!

Entretanto não consta que em novembro de 1913 estivesse a Monarchia restaurada e n'esse mez d'esse anno foi decretado o regimen da porta aberta para a nossa uberri-ma provincia de Angola, o que o mesmo era que entregal-a á exploracão da Alemanha!

Não commento.

Só direi que em agosto de 1648 a Monarchia Portugueza restaurada do dominio hespanhol, retomava ao estrangeiro, pelo mão gloriosa de Salvador Correia, no tempo do Rei D. João IV, avô d'El-Rei, essa mesma Angola, que desde então ficou nossa.

E é porque queremos as colonias nossas, nosso o Portugal europeu, nossos todos os portuguezes, é porque queremos todas as honras e todos os proveitos para Portugal, que vamos beber á saúde e ás prosperidades d'El-Rei, que em si consubstancia as aspirações da Patria.

Estas palavras d'um verdadeiro estadista, proferidas na hora presente e unanimemente applaudidas por todos os monarchicos portuguezes, não definem apenas a attitudede d'A *Ideia Nacional*, mas sim a de todo o partido, que vê no Conde de Nova Gôa um dos mais dedicados amigos d'El-Rei e um dos seus chefes mais prestigiosos e illustres.

Fala em seguida o nosso querido amigo e eminente escriptor sr. Conde de Monsaraz que profere as seguintes palavras:

PALAVRAS DO CONDE DE MONSARAZ

Meus senhores:

Mesmo que hoje não fosse collaborador efectivo d'A *Ideia Nacional* não deixaria de tomar parte n'este banquete, trazendo assim á revista de Homem Christo Filho todo o apoio intellectual e moral que a minha presença aqui possa significar-lhe.

Além d'outros motivos, porque assisti á primeira d'estas festas, inauguradas em Coimbra faz agora precisamente um anno, em circumstancias impossiveis de reproduzir e muito menos ainda de esquecer. Foi n'esse dia, 9 de maio de 1915 e nos dias precedentes que eu tive occasião de conhecer melhor o director d'A *Ideia Nacional*, apreciando mais de perto as suas invulgaes qualidades de luctador e aquella energia de acção imperturbavel e persistente que, por isso mesmo que é persistente e imperturbavel, não conhece nada que possa resistir-lhe.

Homem Christo Filho fôra meu contemporaneo na Universidade de Coimbra mas nunca tiveramos relações pessoais. Eu era bastante mais velho em idade e em frequencia escolar. Fui sempre, graças a Deus um reaccionario consummado (n'essa epoca admirador de João Franco, o idolo da Mocidade, e defensor da Dictadura, á falta d'outra expressão mais perfeita do espirito contrarevolucionario).

Elle sentia-se mais do que anarchista, acrata pelo menos, saboreando Bakounine e praticando Malato como qualquer bom transviado da estrada larga da verdade. Davamo-nos com pessoas totalmente diferentes. Possuiamos tendencias de espirito antagonicas. Tudo nos separava e nada nos unia.

Veiu a Republica e qual não foi o meu espanto quando soube um dia no exilio que esse rapaz que eu conhecera avançadissimo em creança, com a melhor sympathia dos peores trastes republicanos, d'antes tão homenejado pelas egrejinhas do livre pensamento indigena; esse mesmo Homem Christo Filho, irreverente e bulicoso, havia-se convertido ao Catholicismo, baptisando-se, e conspirava pela causa d'El-Rei. Deixára de ser avançado, mal deixára de ser menor, aos 18 annos de idade, precisamente na occasião em que poderia regressar a Portugal, a colher na generosa Arvore da Democracia (como fizeram todos os seus camaradas anarchistas) os fructos d'uma longa propaganda contra o regimen monarchico e contra os velhos fundamentos da ordem social. Comecei então a interessar-me por elle. Era um interesse muito feito de sympathia e bastante de admiracão, d'uma admiracão e d'uma sympathia que foram crescendo á medida que o via triumphar rapidamente n'essa phase nova da sua existencia e crear-se em França, nos mais cerrados meios do jornalismo e da litteratura, uma situação preponderante e inabalavel. Tinha todas as condições negativas para vencer e para subir, desde a falta de fortuna á falta de posição mundana, achava-se na vida sósinho, sósinho e desajudado; entretanto lá ia subindo, subindo, creando-se uma situação, estabilizando a sua existencia de vagabundo politico. Está na memoria de todos o que foi a campanha maçonica que lhe moveu o mulato João Chagas e como a imprensa de Paris, sem a excepção do *Rappel*, diario radical republicano á Patrie conservadora, de *Henri-Rochefort* e á *Autorité*, órgão do bonapartismo official, toda a imprensa parisiense, se mobilizou para que fosse revogado quanto antes o decreto que o expulsára da capital franceza. E foi revogado. Esse movimento expontaneo de sympathia para com Homem Christo Filho terminou mezes depois por um almoço que lhe offereceram algumas das figuras mais em evidencia na França contemporanea e cujos nomes illustres mais tarde figuravam quasi todos em um telegramma de homenagem que a *Restauração* no seu primeiro numero publicou. O odio de João Chagas ao actual director da *Ideia Nacional* explica-se sem difficuldade, sabendo-se que Homem Christo Filho, além de moralmente o haver desnudado aos olhos do publico, era á data o representante do Comité Contra-Revolucionario Monarchico junto dos jornaes de Paris e estava prestando, no desempenho d'esse cargo, importantissimos serviços aos interesses da Realeza e do Rei.

Muito póde dever politicamente a causa da juventude monarchica, que é a causa do Senhor Dom Manuel, a uma pessoa que em cinco annos de mocidade, dos 18 aos 23, consegue crear um nome de combatente jornalístico no seu paiz e no estrangeiro. Fôra Homem Christo Filho distingue-se, e qualquer meio onde viva por uma qualidade, entre outras, primacial, que consiste sempre uma forma infalivel de successo: triumpho. Refiro-me á sua actividade fora do vulgar. Nunca perde tempo. Na assifacção morfológica dos varios tipos huma-

nos seria elle, não um digestivo, não um cerebral mau grado as suas faculdades de talento, mas um muscular, um homem que resistirá a tudo menos á immobildade forçada, á inactividade obrigatoria. Esta virtude, nunca tendo sido portugueza, porque em tempo algum pertenceu á Raça Latina, faz-me admirar e bemdizer sempre, quando apparece, a pessoa em que floresceu.

E' este um ponto, talvez o unico mesmo, em que me não resigno a accetitar a herança da tradição. O nosso ideal para os novos da nossa geração deve traduzir-se na seguinte formula perfeita:—almas classicas de vellos latinos em vigorosos corpos de moços saxonicos. Admiro, portanto o director da *Ideia Nacional* e é com sincero gosto que collaboro n'essa bella revista. Muito tere-mos que esperar d'ella nós os integralistas, unicos subditos da verdadeira Monarchia e Elle, o Augusto Soberano, Senhor d'estes Reinos, que hoje no exilio a encarna e tão alto a simbolisa e representa. E já que fallo nos integralistas doverei accentuar para conhecimento do publico (e esta elucidacão agrada bastante a Homem Christo Filho) que a *Ideia Nacional* não é órgão do Integralismo Lusitano. Prestamos e prestaremos sempre do melhor grado o mais seguro apoio á revista que festejamos aqui, porque se trata d'um periodico realista e conservador dentro do qual os nossos principios politicos, ultra-conservadores e ultra-realistas, encontram um esplendido campo de actividade e propagação. Não sendo o seu director, como não é, um integralista, porque difficilmente se adaptaria á nossa organisacão e disciplina mecanicas, precisas, um tão vivo e irrequeto temperamento, não convem por forma alguma que se veja ou se julgue ver n'esta revista um caracter que ella não tem censurando-nos, porventura, a nós e a elle, de nos pretendemos empolgar mutuamente, confundindo-nos na mesma acção. Nunca. A *Ideia Nacional* não é um órgão do grupo, é apenas um órgão monarchico, no verdadeiro sentido em que deve ser tomada semelhante expressão jornalística. Precisando mais:—é uma tribuna d'onde só póde falar ao Povo quem saiba escutar o Rei. Ora como acontece que ninguém melhor do que os integralistas sabe escutar hoje em dia o Supremo Representante da Nação, acontece tambem que os integralistas subiram naturalmente os degraus d'essa tribuna de imprensa, e já agora não chegam a distinguil-os para descer. Nada menos e nada mais.

Feita esta declaracão preventiva, em meu nome e no dos meus companheiros collaboradores d'esta Revista para calar quaesquer rumores publicos que pretendessem desvirtuar á nossa custa a orientacão da *Ideia Nacional* ou á custa d'essa orientacão a nossa propaganda de agrupamento politico, resta-me desejar a Homem Christo Filho, como seu collaborador e camarada, largos annos de ininterrupta e crescente prosperidade jornalística, á sombra do velho robe da tradição e da Realeza, cujo tronco appareentemente resequido, já entra a rebentar por toda a parte, expansivo e glorioso, n'uma primavera nova de Redempção.

Brindo a El-Rei, que de longe nos acorpanha em espirito e em saudade, ao Senhor Conselheiro Dom Luiz de Castro, Conde de Nova Gôa, grande portuguez, porque um grande fidalgo e sabe ser um grande assalido, a Homem Christo Filho e aos alte servil-os, que tem prestado a Sua Magestade e, portanto, á causa da Patria, fielmente brindo a todos os collaboradores da *Ideia Nacional*, para que ella, sendo sempre genuinamente nacional, nunca deixe de ser a ideia nova que espleta o Portugal fóra e assim venha a realizar a sua missão, a missão da Mocidade Portuguesa: *Relembrar o passado no futuro, fazer esquecer o presente.*

A homenagem prestada ao nosso director pelo grande poeta, primeiro glorioso do glorioso nome de seu paiz, não podia deixar de lisonjejar profundamente os que trabalham com Homem Christo Filho e n'elle teem precisamente em do seu grande talento e do seu grande caracter, todas aquellas qualidades de homem de acção apontadas por Alberto Monsaraz e que fazem do director d'A *Ideia Nacional* o tipo modelar do chefe.

Terminado o discurso do sr. Conde de Monsaraz ergue-se o sr. José Cordeiro Ribeiro, representante da academia monarchica de Santarem, que veio propositadamente para trazer á *Ideia Nacional* o applauso a todos os seus camaradas. Quando vimos cantar-se aquelle moço estudante, envolto a sua grande capa negra, passeando o olhar sereno e profundo sobre os convivas, sacudindo a cabelleira rebelde como para afugentar sombrios pensamentos, parecunos que elle era bem a imagem viva dos *Cavalleiros do Resgate*, d'aquelles moços cheios de Fé, cheios de Esperança, herdeiros do nosso passado de heroismo, que hão-de vir, illuminados pelo amor da Patria, salvar-a e redimil-a das vergonhas do presente.

PALAVRAS DO SR. JOSÉ CORDEIRO RIBEIRO

O sr. José Cordeiro Ribeiro conta-nos em palavras commovidas a confiança dos seus camaradas nos destinos de Portugal, governado pelo Rei e Este aconselhado por homens da envergadura intellectual e moral de Dom Luiz de Castro e Ayres de Ornellas, apoiado pela mocidade portugueza que guarda no fundo do seu peito thesouros de energia, de intelligencia e de vontade.

Dirigindo-se ao Conde de Nova Gôa o nosso joven e intemerato companheiro pede-lhe que não abandone os rapazes, que lhes não recuse o concurso do seu saber, do seu talento, da sua experiencia; que seja o seu chefe e o seu guia.

A *Ideia Nacional*, continua o orador, é o nosso baluarte, a fonte que alimenta o nosso espirito e sacia a nossa sede de conhecimentos, de doutrina sã, de virtude politica. Ali vamos buscar, todas as semanas, coragem para a lucta e confiança na victoria. Ali vamos beber a fé quem purifica e arma o braço dos grandes combatentes. O exemplo magnifico de Homem Christo Filho e João do Amaral mostram-nos quanto pode a intelligencia humana ao serviço d'uma causa alevantada.

Em nome da mocidade monarchica ergo a minha taça em honra d'El-Rei, nosso Chefe e nosso Amo, em honra do Senhor Conde de Nova Gôa, nosso mestre e nosso amigo, em honra de Homem Christo Filho e João do Amaral, nossos irmãos mais velhos. Bebo ás prosperidades da *Ideia Nacional*.

Segue-se no uso da palavra um dos mais eminentes e queridos collaboradores d'esta Revista, o sr. dr. Antonio Sardinha, orador brillantissimo de cujo discurso vamos procurar reproduzir a parte essencial:

PALAVRAS DO SR. DR. ANTONIO SARDINHA

E' uma pequena irmandade que se reúne hoje aqui. Desejo eu assignalar com umas ligeiras palavras este facto tão singelo na apparencia, mas tão cheio de sentido para o meu coração, como de estimulo forte para a minha esperanza sempre inabalavel. Vemos entre nós, a presidir a nossa festa, o Senhor D. Luiz de Castro. E' ao Senhor D. Luiz de Castro que principalmente me dirijo. E é para o saudar, não só em meu nome, como também em nome dos meus companheiros do Integralismo Lusitano. O milagre mais assombroso da nossa epoca é o regresso já sentivel das novas gerações ás boas fontes da disciplina e da obediencia.

A crise presente tem para nós o valor d'uma lição preciosa. Aprendemos com ella o que o velho Comte não se cansava nunca de ensinar. E' que o homem não dispõe senão do direito de cumprir os seus deveres. O individualismo miseravel de tantas ideologias de ida-e-volta não nos seduz mais. Dentro das nossas veias o sangue antigo ressurge. Resurge na generosidade dos impulsos heroicos e comedido sabiamente por uma ideia constructiva. Creio bem que a Patria vindoura não se envergonhará de nós. Foi talvez a victima apetejada pela necessidade sagrada da expiação. Embora! Entendamos esse destino reparador que porventura Deus nos prepara e d'outra coisa não videmos senão de praticar em pensamento e obras a mais ardente apologia do sacrificio.

O que falta são chefes,—mais provados de que os pelos annos, mais senhores d'uma experiencia que é natural que não possuamos ainda. Veiu até nós o Senhor Dom Luiz de Castro. Mais uma vez as arduas heraldicas dos Castros se mostraram indefectíveis, dando hoje, como sempre, as jornadas perigosas da nossa vida de povo. No Senhor D. Luiz de Castro reconhecemos prudente conselho que estará comnosco d'aqui em diante combatendo os combates da Grey. O discurso do Senhor Conde de Nova Gôa é a promessa magnifica. O Senhor Conde de Nova Gôa tem por si um passado já glorioso. Portugal não encontra entre os seus filhos um mais denodado defensor da terra que produz e do suor que fecunda. A politica a terra é também a politica de nós outros integralistas. Não constrangemos Sua Excellencia ás obrigações d'um agrupamento. Nós não somos um aptido. Somos apenas uma convicção. Como convicção queremos ver. Como estado de espirito viveremos.

E' grave e de incertezas o momento actual. Nós que acatamos as ordens d'El-Rei, aceitamos a situação creada a Portugal e partilhámos como portuguezes os riscos d'ella. Se ha responsabilidades a apontar, guarde-se para depois o ajuste de contas. Para que haja Monarchia é preciso haver Patria. E nós não somos patriotas por sermos monarchicos. Somos monarchicos por sermos patriotas. Por isso é lei de honra mostrarmos bem alto, á claridade serena do sol, que só nós sabemos defender uma raça que não nasceu na Rotunda com as egrejinhas do Livre

Pensamento a officiarem de avental e toalha, mas que se baptisou em sangue e, pelo consorcio da Cruz com a Espada, se fez uma das maiores de todo o mundo.

A mocidade monarchica cumprirá briosamente esse encargo, que o berço impõe e a religião consagra. Aqui, ao nosso lado, Francisco Pombal e João Pedro Folque, soldados das hostes de Paiva Couceiro, são a prova viva de como os rapazes portuguezes se desempenham dos juramentos tomados. A elles brindo, depois de affirmar a Vossa Excellencia, Senhor Dom Luiz de Castro, a convicção em que fico de que V. Ex.^a sahirá d'este banquete mais nosso, já collocado adeante da nossa boa vontade. E não terminarei sem lembrar alguns ausentes queridos, que eu desejo envolver na mesma calorosa saudação, porque lhes devo a mais sentida homenagem de estima e apreço. Refiro-me ao dr. Ruy Ennes Ulrich, a José Pequito Rebelo, a Luiz de Almeida Braga e a Garcia Pullido.

Por Portugal! Por El-Rei! Por V. Ex.^a, Senhor Conde de Nova Gôa.

Pronunciadas estas palavras, que foram escutadas em religioso silencio e por fim cobertas de applausos, tomou a palavra o sr. dr. Xavier Cordeiro, nosso illustre collaborador e amigo, que pronunciou o seguinte discurso:

PALAVRAS DO SR. DR. XAVIER CORDEIRO

Se esta festa não tivesse tomado uma feição de intimidade quasi familiar e eu não visse em volta d'esta meza, apenas, alguns dos firmes companheiros com quem, dia a dia, me encontro na lucta por uma Ideia que nos une a todos como irmãos da mesma fé, eu não pensaria, sequer, em quebrar o silencio que habitualmente me imponho em taes casos, avesso como sou á rethorica, de que só uso por dever profissional.

Mas comvosco e para vós, não faço um discurso; procuro apenas a expressão verbal do que me ocorre n'este momento, com a naturalidade e a singeleza de quem conversa com amigos e camaradas.

Teve o sr. D. Luiz de Castro a alta gentileza de vir presidir a este jantar, trazendos, assim, o incitamento e a honra da sua presença. Acolhemol-o com o carinhoso respeito que se deve a um mestre e a um precursor.

S. Ex.^a é d'entre nós o mais velho em annos, mas é por certo, um dos mais novos em espirito. A sua prestigiosa e inconfundivel figura moral e mental é illuminada pela permanente mocidade de uma fé sempre moça e forte. Provoando de uma geração que, com raras excepções, apenas negou e destruiu, o sr. D. Luiz de Castro é, no campo do pensamento e da acção, uma vontade firme, que crê e quer, que affirma e constroee.

Eu, que vim já depois, encontrei em volta de mim a athmosphera de indifference que o desvaio destruidor das gerações que me antecederam havia preparado. Os rapazes do meu tempo, postos em face dos problemas do pensamento, apenas sabiam negar, ou encolher septicamente os hombros.

Nem sequer romanticos eram já. Pois bem: — poucos annos decorreram ainda, sobre essa era de apathia e, contudo, como tem mudado a feição dos tempos!

A mocidade de hoje agita-se n'uma ancieidade febril de affirmacão e de fé. Dos bancos das escolas parte uma nova Cruzada em demanda da Terra Santa da Tradição.

Aqui temos, entre nós, um rapaz que veste a sua capa e batina.

Elle é um dos já innumeraveis pioneiros da ideia renascida.

Saudando no sr. D. Luiz de Castro o mais velho d'entre nós, n'este escolar, que temos por camarda, saúdo o que de nós todos é o mais moço.

E'-me grato approximal-os n'esta saudação. O que principia agora a sua vida de acção verá n'aquelles cabellos que começam a embranquecer, um exemplo; — o que tem já andado metade do caminho verá n'esta ardente juventude, uma esperanza.

Rapazes de hoje, homens de amanhã: — o futuro da nossa terra está nas vossas mãos. Luctae e luctae sempre, com ardor e com fé.

Crer no triumpho de uma ideia é a melhor garantia da victoria.

Mas lembrae-vos sempre de que o Futuro nada é, nem nada vale, se não fór um prolongamento do Passado.

Entre os convivas do nosso banquete estavam o sr. D. Francisco de Daun e Lorena (Pombal) e o sr. dr. José Pedro Folque, dois dos mais valentes soldados de Paiva Couceiro, que não quizeram deixar terminar aquella festa sem nos honrarem com a affirmacão da sua valiosa solidariedade e sem brindarem á saude do heroico paladino de Chaves.

A seguir levantou-se o nosso querido redactor em chefe, sr. João do Amaral, de cujo discurso podemos fixar as seguintes passagens:

PALAVRAS DE JOÃO DO AMARAL

Não foram as boas palavras que ouvi de V. Ex.^a o que lisongeou o meu orgulho, mas sim o facto de encontrar, em torno de dois homens que singularmente admiro e estimo, a elite d'uma geração que se esforça por bem servir a sua Patria. As razões de ordem moral, d'ordem intellectual e affectiva que determinaram a minha veneração pelo sr. conselheiro Dom Luiz de Castro e a camaradagem, cada vez mais intima e mais forte, que me liga a Homem Christo Filho, não vale a pena repetil-as deante de quem sobejamente as conhece. Ellas não teem sido desmentidas até hoje, antes V. Ex.^a as confirmam n'este momento, presentando a um e a outro a homenagem da sua presença e das suas palavras.

Entenece-me vêr aqui um estudante representando rapazes mais moços do que nós, bem mais moços do que aquelles que, como eu, se sentem, ao cabo d'uma lucta sem tréguas, um pouco fatigados. D'entre as conquistas que essa lucta nos trouxe, a de maior valia consistiu no facto de termos mostrado a estes novissimos servidores d'El-Rei o caminho que elles deverão seguir.

Esta reunião põe uma nodosa d'esperança no quadro lugubre da vida portugueza. Quando todas as virtudes nos faltassem, uma ha que seria garantia certa do triumpho: a nossa mocidade cheia de honestas intenções. A Grecia antiga deixou-nos, pela bocca de Pericles, uma phrase dolorosa que é o elogio d'esta virtude natural; foi no principio da grande guerra, perante o tumulo dos mancebos mortos na defeza da Patria: *o anno perdeu a sua primavera.* E' possivel que estas palavras ecoem sobre a terra portugueza no dia, talvez breve, em que nós façamos á Patria o sereno sacrificio da nossa terrena existencia para honrarmos os compromissos que nos ligam á Inglaterra e para auxiliarmos esse benedito e immortal paiz de França, almenára do genio latino, filho dilecto da civilização catholica e romana. Mas enquanto esse dia não chega; enquanto nos é permitido, sob a chefia de homens como Ayres d'Ornellas e Dom Luiz de Castro, affirmar e defender as eternas verdades sociaes que dirigiram o progresso da humanidade e construíram a Nação Portugueza; enquanto poderemos auxiliar e fortalecer a acção d'aquelles que, como Homem Christo Filho, tudo sacrificam para bem servir El-Rei,—nós sentiremos, ao contrario do grande grego, que a primavera do anno começa agora a refflorir sobre as almas e sobre as terras de Portugal.

Finalmente ergueu-se o director d'A *Ideia Nacional*.

PALAVRAS DE HOMEM CHRISTO FILHO

Senhor Conde de Nova Gôa:
Meus Senhores:

Não quero deixar terminar este banquete sem proferir duas palavras de saudade e de reconhecimento.

São as palavras de saudade para o meu querido amigo e collaborador Ayres de Ornellas, que me acompanhou com desvelado carinho desde a hora em que fiz profissão de fé monarchica e profissão de fé catholica. Devo-lhe muitos serviços, provas da consideração e de amizade que a minha gratidão não sabe esquecer. Devo-lhe provas de inexcédível confiança, concedidas ha cinco annos, desde a primeira hora da minha conversão. Devo-lhe o ter presidido ao primeiro banquete da *Ideia Nacional* realizado faz hoje um anno, em Coimbra, e as boas e generosas palavras que elle ahí pronunciou a meu respeito.

Para elle vae pois, n'esta hora em que se encontram aqui reunidos tantos dos que o anno passado o aclamaram com ardor, para elle vae o meu pensamento e a minha saudade.

Ayres de Ornellas está em Londres, junto de El-Rei que ali o chamou. O desgosto de o não vermos n'esta festa é largamente compensado pela alegria que nos causa o sabermos o nosso Augusto Soberano acompanhado de tão grande conselheiro e tão fiel vassallo.

A' saude de Ayres de Ornellas!

São as palavras de reconhecimento para o senhor Conde de Nova Gôa, grande figura de fidalgo portuguez, digno de outras eras, outro dos grandes amigos de El-Rei, que se dignou dar-nos a honra de vir proposadamente a Lisboa presidir o nosso jantar.

Vejo pelo admiravel discurso que elle acaba de pronunciar que nos não enganámos, João do Amaral e eu, quando, n'um expontaneo e commum accordo, nos lembrámos do seu nome illustre para a presidencia d'esta reunião. O senhor Dom Luiz de Castro é um exemplo a meditar e a seguir; um chefe a quem é preciso respeitar e obedecer; a sua voz de franco e leal portuguez será secutada religiosamente, hoje como hontem, como amanhã, na *Ideia Nacional*.

Levanto a minha taça em honra do senhor Conde de Nova Gôa!

E agora, que vou terminar, seja-me permittido recordar a todos aquelles que me honraram com o seu applauso, que ha dentro da revista que dirijo alguém que mais merece, do que eu proprio, o reconhecimento dos monarchicos portuguezes. E' João do Amaral, o querido e dedicado collaborador de sempre.

É de caracteres como o d'elle e de cerebros como o seu que nós precisamos n'esta hora de angustia e incerteza que atravessa o nosso querido Portugal; é de temperamentos como o d'elle, ricos de todas as virtudes classicas da latinidade, que carece o ideal latino mais uma vez ameaçado pelos barbaros do Norte.

Ninguém melhor do que João do Amaral comprehende a nossa tradição e as virtudes seculares da nossa raça. E por isso tive sempre o seu incondicional apoio, que é para mim de grande valimento, quando sustentei, como sustento hoje, que o nosso primeiro dever era abater bandeiras enquanto durasse a guerra que ensanguenta a Europa, sacrificando, se preciso fôra, os nossos interesses pessoas e partidarios, ao interesse supremo da Patria e do latinismo ameaçado.

Se, como creio, o nosso paiz tiver que intervir effectivamente na guerra, estou certo de que os homens em idade de bater-se que se encontram n'esta sala serão os primeiros a dar o exemplo do amor patriotico e do heroismo pessoal que nós reivindicamos como a primeira virtude da Raça!

E mesmo que assim não fosse, mesmo que todas as nossas faculdades guerreiras estivessem adormecidas por oitenta annos de paz infructuosa e dissolvente, o desejo de El-Rei, claramente expresso, deveria bastar para as fazer reviver gloriosamente.

Longe da Patria, longe dos seus amigos, separado dos seus subditos, o Augusto Exilado de Twickenham continua todavia sendo, de facto, o Rei de Portugal, aquelle que, por isso mesmo, mais dolorosamente é atingido pelos soffrimentos da Nação.

Bebendo á saude de El-Rei eu bebo, pois, á prosperidade da Patria.

A' saude de El-Rei!

Factos e Criticas

A MORTE DE CARLOS DE MESQUITA

Em Coimbra, onde se encerrára, longe dos barbaros, a sua sceptica melancholia, morreu agora Carlos de Mesquita. Uma profunda magua confrange a alma de quantos puderam conhecer esse grande e orgulhoso desconhecido que Antonio Sardinha commovidamente retratou no *Dia* de 13 do corrente.

Nada ha que accrescentar ás palavras do nosso illustre amigo. Carlos de Mesquita soffreu a dor de Amiel e ao morrer poderia ter murmurado como aquelle pintor Gleyre de que Taine nos fala: *«Senti a inutilidade de todas as coisas sem ter possuido nenhuma.»*

14 DE MAIO

Não julguem os leitores que vamos lembrar esta data famosa com lagrimas de luto e indignação. O 14 de Maio constituiu um sangrento mas justo designio da Providencia. Assim como estes seis annos de democracia são o merecido castigo d'uma traição collectiva, assim o 14 de Maio foi o epilogo necessario d'uma farça que precisava de ter um desfecho qualquer. E esse epilogo foi na verdade o mais justo. Enquanto na politica portugueza não houver senão as duas correntes de que os Goncourt falavam—*la bassesse qui fait les conservateurs et l'envie qui fait les révolutionnaires*, e enquanto a baixezza dos conservadores não souber luctar contra o odio, por vezes heroico e grandioso, dos revolucionarios, é de toda a justiça que a victoria caiba aos segundos. Entre a revolução que proclamou o governo Pimenta de Castro e aquella que o apeou, houve a differença que existe entre a força sem vida da inercia e a gloriosa, humana força da acção.

HISTORIA DA CARÓCHINHA (PEQUENO BAILADO PARA CRIANÇAS)

O nosso distincto chronista musical, o compositor sr. Ruy Coelho, acaba de vender á Casa Sasseti, a propriedade da 1.^a edição para piano d'um original e curioso bailado para creanças, o qual foi escripto expressamente para a «Tatão Mello Breyner», encantadora filhinha do illustre medico D. Thomaz de Mello Breyner, sobre a portuguezissima historia da Caróchinha.

O bailado é assim dividido:

I—Quem quer casar com a Caróchinha?

II—Scena d'umor.

III—Casamento da Caróchinha e do João Ratão.

IV—As bôdas.

V—A Caróchinha vae á missa.

VI—Morte de João Ratão, cosido e assado no caldeirão.

ma França habitual tomadora de empréstimos alheios antes da guerra. Assim como a França, nenhum Estado belligerante ficará em condições de ajudar financeiramente os outros. Tudo será pouco para elles mesmos. Nenhuma consideração d'ordem sentimental os arredará d'esse caminho. Em negócios não ha coração. Nenhum serviço d'outra ordem trarão em troca auxilios financeiros depois da guerra. Não haja illusões. Haja, sim, todas as cautelas em compromissos a longo prazo.

A conferencia inter-parlamentar economica se não tivesse sido uma anecdota, graças á intervenção sensata d'alguns alliados, teria sido d'um enorme perigo para nós. Passou. Respiremos.

DOM LUIZ DE CASTRO

MUSICA

CARTAS

A UM

COMPOSITOR CELEBRE

POR

RUY COELHO

MESTRE: Afinal do libreto da opereta comica de que lhe falei em tempos, já está achado completamente. E' uma bella critica ao director do Conservatorio. E' uma coisa pande-ga!

O diabo do homem tem car-radas de imaginação! Esta gente com certeza que o espera um bello dia n'uma esqui-na, e matam-no, como uma malta alem-tejana é capaz de matar um cão ruim. Elle mata o Conservatorio pelo ridiculo, mas os do Conservatorio que elle esfrangalha, não o poupam.

Aliás, eu vou, se tiver pachorra para isso, fazer a musica da operetta.

No mesmo correio mando-lhe o libreto em questão, para que esteja em logar seguro. O seguro morreu de velho, e bem sei com quem lido. Não ha responsaveis n'esta terra, quando se é amigo de pessoas graúdas.

Um diz mata, e outros estólam logo. Por isso... guarde mais esse documento sugestivo:

Esboço do Libreto da opereta

A VOZ DA RAÇA

do Dr. N. A. M.

Musica de X.

I

O primeiro acto passa-se n'uma Pensão de familia na Allemanha, onde um musico portuguez, é alvo da sympathia da pensão em peso, encontrando-se ali raparigas que estudam musica, senhoras que viajam, rus-sas, americanas, francezas, etc., etc.

Noite de festa. Dança-se.

II

Scena d'amor entre o musico e a dona da Pensão. Esta diz que o ama, mas elle não acredita, e a scena dramatiza-se mais a mais. E' noite fechada. O musico solta-se dos braços da dona da pensão gritando: — Basta, basta, não é a mim a quem a senhora ama. E' o preto. O preto? Sim, o preto-lhão. Ella desmaia, e elle sahe, ouvindo-se a voz d'ella: Olha que o filho é teu filho. Fica!

III

Elle não acreditava. O preto... aquelle preto... O rapaz tinha na verdade ciúmes do dr. Samuel Körner, preto, natural dos Camarões, ex-colônia allemã, que ali estava hospedado. Demais o preto Körner era riquissimo, o que importa sempre muitissimo n'estes casos d'amor, mesmo quando se passam na Allemanha, ou na China. O rapaz ia sahir. A scena de despedida é tragica. Ella jura mil coisas, chora, não quer receber o dinheiro da pensão, mas o rapaz paga, e vem para Portugal.

IV

Alguns mezes mais tarde em Lisboa. E' n'um jantar de familia. O correio traz uma pequena caixinha para o rapaz. E é da Allemanha. De quem será? O que será?

A familia em unisono nervoso: — Abre, abre, deve ser um presente. O rapaz pega n'uma faca e corta os cordeis, parte o lacre, arromba a caixa.

—Horror! Jesus, exclama a familia, fugindo da meza. Credo! E de dentro da caixa uma debil voz de recém-nascido exclama:

—P...a...p...á!—e logo o neophito começou a cantar o fado mais official de Portugal, o fado do director da Escola de Musica, era *A voz da raça*, e no fim, entregou ao papá um bilhetinho da mamã em que dizia:

—Ingrato, veja, que é branco, e oiça, que é portuguez.

CAHE O PANNO

Que tal, Mestre?

Até quinta-feira.

RUY COELHO.

“Os mysterios d'um gabinete negro,”

POR

ROCHA MARTINS

O Senhor Rei D. João v ou-vira dizer que Luiz XIV sa-sua côrte e fallando com D. bia todos os segredos da D. Rodrigo Annes de Sá Almeida Menezes, a quem doára o titulo de marquez d'Abrantes, muito pasmado ficara ao ouvir-lhe explicar os porquês de tal saber.

—E' que o Rei christianissimo insti-tuiu em Versailles o gabinete negro.

Todas as noites os mestres das pos-tas viam chegar emmissarios que leva-vam comsigo as cartas; elles esperava-m d'espora fito com as suas malas e ao dealbar entregavam-lh'as de novo. Passavam, diziam-lhes, pelo correio central a fim de se preencher uma for-malidade e nunca ninguem imaginára que a sua leitura se faria deante do so-berano. Nem um só vestigio nos sine-tes, nem a menor mancha no papel mar-cavam a violação. Havia, bem grava-dos, os mais complicados brazões que chancellavam n'uma cêra nova os so-brescriptos abertos; as cifras de maior engenho estavam alinhavadas nos ar-marios; lacres de todas as côres, fitas de todos os modelos, obreas da mais ex-tranha confecção estavam ali ao dispôr dos empregados intimos, sabedores dos idiomas e que desvendavam os segredos á posta confiados.

Sob a casa da bibliotheca, no Paço da Ribeira, instalou-se tambem igual ins-tituição secreta. O marquez d'Abrantes, quando embaixador em Roma, comprou tudo quanto era necessario para esse singular trabalho de quem pes-soa alguma desconfiava e no seu regres-so ao reino era elle, com Alexandre de Gusmão, Ayres da Cruz, o prior de S. Thomé e outros quem ajudava na tare-fa.

Não houve mais amôres occultos nem mais recatados designios; auscultava-se ali o coração do reino e sabia-se das dôres, das alegrias, dos mysterios que se passavam desde as cellas dos convên-tos aos degraus do throno.

Era facil saber que uma freirinha d'olhar dôce e boquita de rosa volvia mais para um fidalgo do que para Deus as suas vistas e mais em beijos ardiam os seus labios que se refrigeravam na oração. Não havia forma de se occultar o negocio bem enredado d'onde nas-ceriam minas d'ouro, nem de esconder ambições, nem de deixar de se saber um affecto, uma conjura, um simples en-contro.

O Senhor D. João v sabia, como o Rei D. Luiz XIV, mais que os designios da sua côrte, os segredos do seu reino.

* *

O terramoto tudo devastára; afunda-ra-se nas ruínas, com o gabinete negro, todo o esplendor do Paço da Ribeira e, no seu tumulo, as reaes ossadas talvez oscillassem tambem ante os rumores da terra convulsãoada.

Durante annos em paz se poudé amar e ter segredos.

Mas muib receava de conspirações o Senhor Rei D. José I.

O conde d'Oeiras achára a fôrma de governar o paiz. Faria passar diante dos olhos pávidos do Soberano a nobreza descontente e avolumava-lhe o ter-ror com o phantasma de seu tio-avô D. Affonso VI expiando encadeado n'um cárcere do paácio de Cintra, enquanto o irmão D. Pedro II se ia alçando ao throno.

Ainda El-Rei podia vêr n'essa casa

gradeada e triste, os lagêdos gastos pe-pas passadas constantes e raivosas do prisioneiro real.

Sua Magestade Fidelissima tambem tinha um irmão, D. Pedro III e a fidal-guia andava excitada. Deixasse-o a elle, conde d'Oeiras, vigiar, que ninguem turbaria o seu precioso somno e para bem longe se afastaria essa visão do pri-sioneiro, das lages sumidas, dos horro-res da queda d'um throno para um car-cere.

Foi assim que que se restabeleceu o válido na alma d'El-Rei.

Podia agora viver a seu capricho, não aquecer a cadeira do governo, passear, rir, amar, que alguém velaria por elle no proprio interesse de o substituir.

Começaram então as suas visitas dia-rias ao cahir da noite, ou por deshoras, ás casas de Antonio José Galvão quasi pegadas com a sua quinta do Meio, em Belem.

Boquejava-se d'essa assiduidade real e como corresse a fama dos seus amô-res com a marquezia de Tavora, calcu-lava-se que era ali, na morada do offi-cial-mór da secretaria do reino, que es-condia os seus amores.

Pedro Teixeira, o alcayote real, de-mais sabia onde se encontravam e sor-ria, dando a entender que andavam lon-ge da verdade.

Correu então que outra mulher con-seguira voltar os sentidos do Rei e não se fallou mais n'aquellas visitas ás ca-sas do Galvão.

Se a marquezia de Tavora alguma vez fallou n'isso ao seu real amante, elle com dois beijos lhe dissipou decerto o ciúme, sem lhe dizer, todavia, o que ia ali fazer.

O Rei baixava a cabeça, subia uma escada estreita e entrava n'uma sala re-colhida. Ali via de pé, meio curvados, o Antonio José Galvão e um Francisco da Costa; mais no escuro, de ar com-posto, ficava o padre Bravo. E então via as cartas abertas aos montões. To-dos os segredos ao seu alcance, as let-tras côr de ferrugem dos capellães, os gatafunhos dos fidalgos, entrava nos mysterios, mergulhava nas coisas mais occultas e abençoava o ministro que tal prazer lhe proporcionava.

D. João v chamára áquella medida de providencia *A Alma do Throno*; D. Jo-sé I sentia que seu pae fôra um bem galante, um bem habil, um bem sabio Rei.

Quedava-se horas a vêr, a sorrir das coisas que sabia, a olhar como habil-mente o padre Bravo fechava de novo os sobrescriptos, applicava os mais bem imitados brazões do reino na cêra mol-le sem esquecer um detalhe.

O reverendo sempre se queixava. O trabalho era muito, mal tinha tempo de come, retirava tarde para casa... Di-gnasse-se El-Rei ouvir o seu servidor.

O remedio era simples. Pagar-lhe-hia as casas, dar-lhe-hia sege com machos para sella e ordenaria ao conde de Re-dondo que lhe fornecesse duas rações da Real Ucharia.

Não era muito o pagamento para quem tão grandes segredos sabia.

* *

Mas apesar da pompa das séges, da abundante comida, da protecção real, o padre entrára a definhar-se, a fugir do gabinete negro como se lhe appare-cesse o demonio, a dar largos passeios pelo campo nas horas do serviço, depois de chegar, metter os braços no montão

e escolher com cuidados umas cartas atiradas logo ao fogo. E o que a histo-ria não conta outras razões o aviva. O padre parecera-lhe certa vez reconhecer um sinete que fechava um sobrescripto; affirmou-se mais, duvidou, abriu e ia cahindo no cadeirão de couro, d'olhos esbugalhados, sentindo estranhos zum-bidos nos ouvidos.

Estava ali uma carta d'amôr, apai-xonada, quasi lubrica para um conego da collegiada de Lamego na qual havia loucura e desvairamento. E o nome que assignava essa ardente missiva parecia-lhe ainda um sonho.

Era o de sua mãe, senhora recatada, ainda formosa, casada muito cedo e cu-ja vida sempre julgára exemplar.

Sentiu-se roído por um desgosto enorme; uma cólera lhe vasquejava no peito em ancias de matar.

Temia mais do que nunca vêr as car-tas cahirem nas mãos do Galvão ou do Costa, sentir os seus sorrisos e ouvir algum gracejo real.

Vinha então mais cedo, mettia os braços na mala que o mestre de posta de Caxias devia levar e sonegava a car-ta. Já não tinha coragem de a lêr; apressava-se a queimal-a no grande fogão onde se derretia a cêra das falsifica-ções.

Mas um dia encontrou o mesmo sine-te, a mesma lettra, um novo destino no sobrescripto. Estava com as duas car-tas na mão; abriu a que se dirigia ao conego e viu as mesmas expressões; quebrou o sinete da outra e ficou para-lyzado.

Era para um capitão do regimento de Olivença e toda entretecida de beijos e ternuras á ideia de que elle ia chegar.

Arrojou-a tambem para o lume e sentiu-se desvairar.

Jámais elle saberia tantos segredos horribes se não procurasse os alheios.

Então diariamente apparecia, fazia cuidadosamente a sua rebusca, procura-va bem, não houvesse ainda outro desti-natario, pois já coisa alguma lhe parecia impossivel.

Que novas surpresas viriam?!...

E aquillo parecia ser como um casti-go a quem viola o pensamento humano, expiona os segredos, esmaga o sentido das almas.

Perdeu-se para a historia o padre Bravo; deixou apenas as suas fôlhas de ordenado nas secretarias e na fallacia popular do seculo seguinte o mysterio do seu desgosto que o levava a andar quasi a monte, magro, abatido, castiga-do, pois ha cousas que quem faria estas e outras tarefas secretas não podia de-certo prevêr e acautelar.

ROCHA MARTINS.

A IDEIA NACIONAL

PREÇOS
DE ASSIGNATURA
EM HESPAÑA
E
PORTUGAL

ANNO 2\$600
SEMESTRE 1\$300

RESTANTES
PAIZES
O DOBRO

PAGINA DA MULHER

CONSULTORIO DO AMOR

«Os homens são maus,—dizia eu a Mimi no numero antecedente,—peor do que elles só conheço... as mulheres!» E como prova do que affirmei, prometti-lhe uma historia. Ella ali vai:

Havia na minha terra um carvoeiro já velho, que tinha fama de pessimo. Ainda mal apontava a manhã, abalava elle por essas charrnecas a dentro, e por lá passava o dia arrancando á terra as cepas d'urze, ou machadando o sobro para o carvão.

Em casa ficava a mulher, moirando de sol a sol, nos trabalhos domesticos, no amanho do hortado, nas coseduras o pão, no tratamento dos haveres. Os haveres lá na minha terra são: o porco, o burro e as gallinhas.

Parece que estou a ver a pobre creatura, alquebrada, com uma cara que a miseria e os maus tratos haviam prematuramente sulcado, sentada no portal a costurar, ao cahir da tarde, debaixo da parreira alpendrada que fazia sombra á casita muito branca. E quando o sol se afogava por detrás da serra, que muito ao longe vinha fechar o horizonte, quando a luz de todo desaparecia, levantava-se ella então com a sua teiga da costura, com o seu monte de farraços que ia pôr entro e casa, para logo sahir pela outra porta, encosta acima, a chamar as gallinhas que andavam a monte, recolhendo o carneiro, tratando do porco.

E n'esta vida, que tinha como unico condimento as tundas desapiedadas que o marido lhe dava, e que ella supportava com a passividade, com o fatalismo de um burro de carga, se foram passando annos. Até que um dia ninguem deu noticia que se tivesse aberto a porta a que a parreira vinha fazer docel. Quando o carvoeiro á noite chegou a casa, ouviram-se ralhos e lamentações, e as mulheres que vinham ainda da fonte viram-o andar pelo monte arrebanhando as gallinhas, e recolhendo o carneiro, a praguejar. Passaram-se assim mais dias, e começou a correr na aldeia que a carvoeira estava mal, que ardia em febre e delirava todo o dia, e que o homem ao chegar á noite a casa, lhe batia por não encontrar a ceia feita.

Uma vizinha mais afoita atreveu-se a lá ir, e veio confirmar o que se dizia, atreveu-se mesma a mais, e disse ao carvoeiro:

—«Olhe, visinho, a sua mulher vai mal, ha que dias não come, e o melhor seria matar uma gallinha para dar-lhe um caldo...»

—«Gallinha?!» exclamou elle enfurecido. —«Então eu que ando todo o santissimo dia ao carvão, chego a casa e nem as tristes coves encontro cozidas para comer, e ella á boa vida, muito bem refastelada na cama, ha de comer gallinha?! Coma pão secco, que não é mais grave do que eu!»

E como ella não comesse e o mal augmentasse cada vez mais, um dia ao chegar a casa, viu encontral-a na agonia.

Foi então que a gallinha se matou, que os remedios vieram da botica, mas já era tarde: a pobrezinha deu a alma ao Creador sem ter provado o caldo, nem tomado os remedios, e acabou serenamente o seu penar entre os prantos das vizinhas, e as clamações do marido.

—«Se morreu,—dizia elle,—não foi á falta de trato, não! Ali estão essas garrafadas que nem chegou a tomar, e ainda ali está na panella um caldo tão forte que se pode cortar á faca, que nem sequer provou!...»

Esse caldo foi por signal a unica consolação do desolado marido no seu primeiro dia de viuvez, que enquanto houve caldo, mais nada pôde levar aquella alminha...

Foi-se passando tempo. A casa já não tinha essa alvura immaculada que as constantes caiações da carvoeira lhe faziam ostentar; as gallinhas, perdido o habito de as chamarem já não sabiam do gallinheiro; a herva crescia á vontade por entre as couves; o fato do carvoeiro cahia aos bocados, e só então se appreciou quanto valia o moirar d'aquella creatura a quem os maus tratos e a miseria haviam prematuramente sulcado, e que ao cahir da tarde se vinha sentar a arremendar debaixo da parreira, na apothese do sol poente.

Aquillo não podia continuar! Uma casa Assim pensava o carvoeiro, e foi assim pensando que começou a cortejar uma moçoim mulher é como um corpo sem alma! coila conhecida na aldeia pela Estruliana, e, que já mais de uma vez mostrara a sua fraqueza em materia de amor.

Pouco tempo depois installava-se ella na casa do carvoeiro. O homem parecia outro, muito barbeado, muito preparado, e a vida d'aquelles dois era um céu aberto! Nunca mais se ouviram ralhos! E' certo que ás vezes alta noite se sentia o homem pelos montes atraz dos frangos, enquanto o porco grunhia pela ceia que muitos dias se esqueciam de lhe dar. A casa perdera para sempre aquelle ar de ermidinha muito

branca que se destacava na meia encosta do outeiro coberto de vinhedos e arvores de fructo, virada para a enorme planicie onde as searas ondeavam a perder de vista, e que dava a quem a via de longe a impressão de uma pomba que o cansaço fizesse atardar entre a verdura.

Tudo corria ás mil maravilhas, quando quiz o diabo tentador das almas que viesse estabelecer-se no lugar um padeiro hespanhol, todo requiebro, todo galanteio, que tomou a Estruliana como objecto principal das suas attentões. Um bello dia, ao chegar a casa o carvoeiro, entrou a menos a Estruliana, um cordão e umas arrecadas d'ouro que lhe comprara na feira, e um dinheirito que amalhara ao canto da arca. O padeiro desapparecera por essa mesma occasião, e houve quem visse ambos a caminho da cidade, n'um tal desvanecimento embebedos um no outro, que nem deram por quem passava!

E pela segunda vez os echos d'aquelles montes foram acordados pelas clamações do carvoeiro.

—«Ingrata! — dizia elle, — enquanto a passos largos media o terreno em frente da casa. A gente do povo serve-se ainda dos antigos processos theatraes, e nas grandes occasiões dramaticas usa do monologo. E as mulheres que vinham da fonte paravam de cantaro á cabeça, e mão na ilharga para o ouvir.

—«Ingrata! tão bem que eu a tratava, e dar-me este apgo! Nada! Se se demorar oito dias só, ainda a recebo; mas se fôr além dos oito, nem que me epdisse de rastos lhe abriria a porta!»

Esteve oito, esteve mesmo mais de quinze. Alguem disse na terra que a vira em Lisboa nas alfurjas mais abjectas dos peores bairros da cidade. O velho, minado de saudades, conuido de tanta desgraça, poz pés ao caminho e veio até cá. Não tardou e mencontra-a esfomeada, miseravel, dormindo sobre o lagoado das portas. E lá a levou... com o cordão, as arrecadas e o pé de meia a menos, unico objectivo que se impuzera ao seductor. Ella rojou-se-lhe aos pés pedindo perdão, agradecendo tanta magnanimidade, e fazendo mil protestos de uma fidelidade eterna. Mas pouco tempo depois, abalava com uns saltinbanco que passaram pela aldeia! A Estruliana tinha vistas largas, e achava acanhado o espaço coberto de searas que se via da casita branca a meio da enconta, entre vinhedos e arvores de fructo. Era limitado para ella esse vasto horizonte fechado lá ao longe pela serra cujos dmos se recortavam sobre o fundo afogueado dos poentes do estio!

E é em face de casos como este que eu affirmo: Peores do que elles, só ellas!

JOÃO SEMANAZ

RESPOSTA A MARGARIDA:

Eu seja ceguinho se sou quem julga. Honra-me muito o equivoco, mas o seu a seu dono. De resto, já lhe disse: sou apenas uma alma. Acrescentarei: uma alma solteira, orphã e viuva, tudo ao mesmo tempo, isto é: só no mundo!

J. S.

INQUERITO SOBRE A IDADE DO AMOR

Quando com maior violencia esse despotico senhor se apodera da alma dos miseros mortaes?

RESPOSTAS:

Snr. João Semana:

A idade do amor para a mulher é de 15 aos 35 annos, pelo menos na apparencia, opr que raras vezes a mulher, quando ama, confessa mais do que esta ultima idade ou menos do que a primeira, e deante da evidencia contraria, occulta que ama.

Como, porém, de todas as liberdades a mais respeitavel é a do sentimento, julgo que a idade do amor é para cada um aquella em que se encontra a pessoa em que reconhecemos realmente a metade que todos nós procuramos. Ora para esse encontro não ha epoca marcada na vida. Se até os comboios que tem hora certa, chegam tantas vezes atrasados!...

Lady Fly

PARA AS MÃES LEREM

A creança deve, desde que nasce, ter sempre a cabecinha descoberta dentro de casa. As toucas são rigorosamente excuidas dos enxovaes de hoje e o seu emprego torna os pequeninos mais sensiveis ás constipações,

Só quando o bebé fôr fazer o seu passeio diario, pois que é indispensavel que o faça, levará uma d'essas touquinhas ou capotas, guarnecida de fitas e rendas, que tão adoraveis tornam as creanças. E' conveniente adaptar aquellas um longo véu de gaze que preserve a cara do contacto directo do ar.

criação mixta:

Criação mixta é a associação do leite da mãe com outro leite (cabra ou vacca) tomado ao biberon. Faz-se em dois casos e quando a mãe não tem bastante leite, ou se encontra enfraquecida pela criação;

2.º—Quando a mãe é forçada a demorar-se fóra de casa e que á hora da mama se substitue esta pelo biberon.

Ha quem tenha a ideia de que a aleitação mixta é prejudicial á creança. Puro engano. O que é necessario é regular-a bem, quer dizer, ter o maior cuidado na quantidade de leite que se dá, na forma de o destemperar com agua, que será sempre fervida assim como o leite, e no maior asseio a observar com o biberon. Em vidro, sem tubo, a fim de facilitar a limpeza, deve, cada vez que vae servir, ser lavado em agua a ferver, ou, o que é melhor, fervido em agua. A observancia de este preceito é a maior garantia da saude da creança.

Desde os sete ou oito mezes que este sistema é, se pode dizer, obrigatorio. O leite da ama torna-se em geral, menos abundante, e menos nutritivo.

No entanto, para que dê resultado, é forçoso que o numero de vezes que a creança mama pelo biberon seja superior aquellas em que lhe dão o peito.

Ha casos em que a creança é exclusivamente criada a biberon, o que sempre apresenta difficuldades e perigos por causa da composição do leite.

Debaixo do ponto de vista digestivo o leite animal é muito mais pesado, razão opr que, como já disse, nos vemos obrigados a destemperar-o com agua levemente assucarada, em proporções que variam com a idade da creança. Insistimos mais uma vez pois é do maior interesse para a saude dos pequeninos, que a agua deve ser sempre fervida. O contrario occasiona muitas vezes diarrheas perigosas, que podem trazer como consequencia fatal a morte. E' tambem o uso de agua sem ser fervida que provoca o desenvolvimento dos vermes que veem na agua, e que um quarto de hora de fervura anniquilla.

Proporção em que se deve misturar a agua com o leite:

Edade: 1.º mez: leite, 1/2 litro; agua, 1/2 litro; 2.º mez: leite, 2/3 litro; agua, 1/3 litro; 3.º mez: leite, 3/4 litro; agua, 1/4; 4.º mez: leite puro.

E para concluir diremos que o melhor leite a adoptar é o esterelizado. Nunca sabemos ao compral-o em uma vaccaria se o animal que o fornece é saudavel, ou se o leite não terá sido adulterado. Assim todos os perigos são afastados e podemos dal-o ás creanças com toda a confiança.

CORNELIA

CANCIONEIRO ESTRANGEIRO

LE POT DE FLEURS

Parfois un enfant trouve une petit graine, Et tout d'abord, charmé de ses vives couleurs, Pour la planter, il prend un pot de porcelaine orné de dragons bleus et de bizarres fleurs.

Il s'en va. La racine en conleuvres s'allonge, Sort de terre, fleurit et devient arbrisseau; Chaque jour, plus avant, son pied chevelu plonge Tant qu'il fasse éclater le ventre du vaseau.

L'enfant revient; surpris, il voit la plante grasse Sur les débris du pot brandir ses verts poignards; Il la veut arracher, mais la tige est tenace; Il s'obstine, et ses doigts s'ensanglantent aux dards.

Ainsi germa l'amour dans mon âme surprise; Je croyais ne semer qu'une fleur de printemps; C'est un grand aloès dont la racine brise Le pot de porcelaine aux daissins éclatants.

THÉOPHILE GAUTIER.

HYGIENE DA BELLEZA

ENGORDAR, EMAGRECER

Em Inglaterra ha uma phrase que anda sempre na bocca de todos, e que é, por assim dizer, o Deus te salve dos filhos da Albion: a apreciação do tempo. Deixamos cahir um embrulho. Um cavalheiro amavel curva-se para o apanhar, e ao depôl-o em nossas mãos diz enternecido: «Que tempo horrivel!» O homem da canja emquanto nos faz o troco, exclama sorridente: «Linda manhã!» O pobre que pede esmola na rua, murmura desalentado: «Que detestavel nevoeiro». Comprehende-se. Com o clima pessimo que possuem, vivem como que suspensos das variações atmosfericas.

Nós, então é outra a nossa primeira exclamação ao deparar com uma pessoa conhecida: «Que gorda que está». Ou então: «Mas que magra! Esteve doente?» Ninguem avalia as gaffes que assim diariamente comettem. E' que se dá sempre o caso de justamente se ir dizer que está mais gorda á pessoa que detesta sel-o, e para quem o pesar mais meio kilo é uma questão de vida ou de morte, e inversamente. As gordas querem emmagrecer, e as magras davam annos de vida para possuirem mais algumas grammas de carne a tapar-lhes as costellas.

Ninguem está contente com a sua sorte, é bem certo!

Em face de tantas descontentes vamos dar alguns conselhos ás gordas para que o não sejam, e ás magras para que deixem de o ser.

Principiaremos pelas primeiras:

Ha dois factores que principalmente occasionam a gordura: a alimentação e uma vida sedentaria. Da primeira devem ser completamente banidas as gorduras animaes, e os farinaceos. Não ha nada que mais engorde do que esse delicioso manjar a que se chama pão com manteiga! Os molhos e os doces devem tambem evitar-se, e o uso de liquidos ás refeições. Quando muito uma chicara de chá bem quente em seguida ao almoço e ao jantar, e só tres horas depois poderemos beber um copo d'agua de preferencia mineral, como a agua de Saboroso, por exemplo. A alimentação será especialmente constituida de hortaliças, fructas, carnes frescas e peixe, que se comerá com azeite e vinagre, e nunca com manteiga, ou qualquer outro molho.

E' forçoso que todos os dias se faça um passeio de duas horas ao ar livre, e que se durma, o maximo, sete horas por noite. O espartilho nunca se deve tirar senão ao deitar.

Resta-nos accrescentar que um banho quente, a 35 graus é diariamente indicado, ou duches escocezes a quem os poder tomar, o que em caso algum se fará sem previa consulta medica.

Ha tambem quem aconselhe um copo de agua quente em jejum e outro ao deitar, e a gymnastica de quarto, que fará o assumpto de outra nossa palestra.

Se accrescentarmos a isto as fricções de agua salgada praticadas em todo o corpo, e, sobre os pontos em que houver mais particularmente de se combater a gordura, as fricções iodadas, teremos completado o nosso receituário.

Para emmagrecer deverá fazer-se o contrario, isto é: tomar muitos farinaceos, gorduras, molhos, manteiga, pão, queijo, doces, etc. Como bebidas a cerveja é a melhor, e o caffè, o chá e o caffè com leite devem ser completamente banidos. Aconselhemos o leite e o chocolate.

Dormir o maximo que se poder, estar deitada dez a doze horas por dia, evitar todas as fadigas, andar pouco e distrahir-se,—eis tudo quanto podemos aconselhar.

M. mo X.

PALAVRAS D'ALMA

(INEDITO)

Palavras da minha alma, commovidas, Que eu escrevesse para ti, singelamente, Palavras sem receio repetidas, Segredos de creança inconfidente.

Palavras para ti! por toda a gente, Pelos simples e bons compreendidas mas no teu coração estreitamente, Piedosissimamente recolhidas...

Palavras para ti! ai, tanta, tanta, Que procura fugir-me da garganta... Palavras que eu soluço para escondel-as.

E antes assim, bem vês. Que as orações São mais puras nos nossos corações. E' bem melhor sentil-as que dizel-as.

DOMITILLA DE CARVALHO.

(De um livro de versos em preparação).

candeias de azeite, etc. A um canto de a bilha de barro, tapada com um testão, de a ao conjunto uma nota campesina. O chão de pinho branco, e como tapete, debaixo da mesa do centro, uma manta alemã-jana ou uma d'essas cobertas de trapos de cores que se encontram pela provincia. Todo o mobiliário será feito em pinho ou casquinha escurizada com fungão, e assim, por pouco dinheiro, se conseguirá uma casa de jantar do melhor bom gosto.

As mobílias pintadas a ripolin são igualmente baratas e praticas, acho-as, porém, mais vulgares. Para esse genero daremos no proximo numero o desenho de um armario que sendo muito bonito fica extremamente barato. E' feito com duas mesas-armarios de cozinha, collocadas uma sobre a outra, unidas pelos tampos. A que fica de pernas para o ar tiram-se-lhe as almofadas das portas, substituindo-se por caixilhos para vidrinhos. Na de baixo abrem-se uns desenhos por meio de uma setra mecanica, e pela parte de dentro estica-se uma cretonne com ramagens em cores claras. As mesas de pinho pintam-se a ripolin branco ou creme. Este armario pode servir para casa de jantar ou para guardar livros.



CANCIONEIRO ESTRANGEIRO

Son heureux fiancé l'attend, moi je me cache.
Elle vient; je l'épie, en murmurant tout bas
Ce reproche, le seul que son oubli m'arrache:
—Vous ne m'aimiez donc pas?

Les voici tous les deux; ils vont l'un près de l'autre,
Ils se froissent les doigts en cueillant des lilas.
—Vous oubliez le jour où ma main prit la vôtre:
Vous ne m'aimiez donc pas?

Heureuse elle rougit, et le jeune homme tremble,
Et la douceur du rêve a ralenti leur pas.
—Vous oubliez le jour où nous errions ensemble:
Vous ne m'aimiez donc pas?

Il s'est penché sur elle en murmurant: «je t'aime!»
Sur mon bras laisse aller, laisse peser ton bras.
—Vous oubliez le jour où j'ai parlé de moi-même:
Vous ne m'aimiez donc pas?

Oh! comme elle a levé cet oeil bleu que j'adore!
Elle m'a vu dans l'ombre et me sourit, hélas!
—Que vous ai-je donc fait, pour me sourire encore
Quand vous ne m'aimiez pas?

SULLY PRUDHOMME

UMA RECEITA POR SEMANA

CONTRA OS MOSQUITOS

Adaptar ao *abat-jour* um papel embebido em mel. Assim que o candeieiro estiver accessos os mosquitos e outros insectos atraídos pela luz, virão pegar-se no mel morrendo pouco depois.

Aconselhamos, no tempo dos mosquitos, a que se fechem cedo as janellas dos quartos, e evitar, enquanto estiverem abertas, o levar ali luz, ou deixal-a antever por qualquer forma.

TRAPOS

Ao revolver-se uma gaveta com trapos sente-se sempre invadir-nos uma vaga tristeza, que, pouco a pouco, se vae alastrando na alma, como os circulos que uma pedra faria ao cahir n'agua. Encontra-se-lhe não sei quê de cemiterio; d'entre esses restos de vestidos evola-se um vago perfume de coisas mortas: a saudade penetrante do que se foi para nunca mais voltar.

E' que uma gaveta de trapos, para uma mulher, é como que um apontado da sua vida, cada um d'esses pedacitos de fazenda lhe evoca um mundo de recordações. Esta trouxinha de gaze côr de rosa, restos de um vestido de baile que ha muito deixou de existir...

Foi uma noite em que havia a esperança de encontrar *alguem*. E confrange-se a alma ao recordar a tristeza da volta, o desalento com que o vestido fôra lançado para cima de uma cadeira... Inuteis, aquellas nuvens de gaze côr de rosa! Esse *alguem* não estivera no baile...

A SAIA

Vão-lhe bem ao seu feitio
Estes vestidos da moda,
E resiste-lhe o pé esguio
A' saia curta e com roda.

Mas, tristemente, acontece
Que a saia curta não prova
Se é mulher, como parece,
Ou se é inda muito nova.

Pois não sei, — dada a usança
Que a futil moda requer, —
Se a usa por ser creança,
Ou se a traz por ser mulher...

SYLVINO



PARA OS NOSSOS FILHOS

A FILHA DE MESTRE FERNÃO

(Novella historica)

POR

MARIA PAULA DE AZEVEDO

Chegou, enfim, á casa que D. Alvaro lhe indicara; velho palacio, onde n'aquella noite se reuniam os conjurados.

Sentou-se no degrau, e esperou pacientemente.

Viu entrar um grupo de quatro homens; ergueu-se e murmurou:

—D. José d'Abreu! D. José d'Abreu! — mas os homens seguiram indifferentes.

Approximavam-se agora outros dois.

Parceu-lhe reconhecer n'um d'elles a figura de D. Duarte, joven irmão de Ignez. Levantou-se depressa, quasi ao encontro dos dois, e perguntou ofegante:

—D. José d'Abreu, sois vós?

O homem parou, desconfiado e descontente.

—Passae, é alguma cigana a pedir—disse o outro, que era realmente D. Duarte, e que não reconhecera Brianda.

—Lêde, lêde esta carta! — supplicou Brianda— vereis que é lettra da sr.^a D. Ignez de Menezes!

Ao ouvir o nome da irmã e da noiva, os dois homens pararam; e lendo o bilhete d'Ignez, o falso D. José disse a D. Duarte.

—Segui o vosso caminho, que eu lá irei ter; e tu, moça, acompanha-me a casa de quem te mandou.

—Ordenaram-me que vos guiasse até casa de Mestre Fernão Henriques, meu pae.

—Visto que é para falar á tua ama, irei.

A casa do albigébe não era longe. O noivo d'Ignez seguia apressado; contudo, quando chegaram á porta de Mestre Fernão, teve uma hesitação:

—Se fôsse cilada...—pensou elle.

Mas não teve tempo para maiores cogitações; a porta abriu-se de dentro e dois braços vigorosos puxaram e empurraram o falso portuguez para um quarto sem janella, nas trazeiras da casa.

Sentiu que o amordaçavam e prendiam, e que *alguem* trancava solidamente a porta. Depois tudo cahiu n'um silencio pesado.

Brianda assistira, muda de espanto e de terror, a esta rapida scena.

—Que queria isto dizer?—pensava ella—Seriam estas as ordens do Padrinho?

Ignez saberia que o noivo tinha sido tratado assim?

A sr.^a Mafalda dormitava n'um canto; nada ouvia.

E como o marido a prevenira que haviam de vir trazer Brianda a casa, estava desenganada.

Mestre Fernão approximou-se da filha e disse-lhe, baixinho:

—E's capaz de guardar um segredo, Brianda?

—Sou, meu pae.

—Olha, só te digo isto: trata-se da honra da tua menina e da liberdade da nossa Patria.

—Mas o noivo d'ella?... —E' um traidor.

—Ella ama-o! Como pode elle ser traidor?

—E' um traidor, não ouviste?

—Mas se ella o ama, meu pae, não é possível!

—Basta. Aquelle homem merece a morte; mas como não somos assassinos, iá para um carcere d'onde nunca mais sahirá.

—Men pae!

—A sr.^a D. Ignez ignora, já se vê, que o seu noivo é um traidor, um espião, um vil...

—Meu pae!

—Vae-te deitar; amanhã estará livre o quarto das trazeiras, pois, esta madrugada mesmo, o traidor será levado para o carcere.

Brianda chorava baixinho, sem esperança de commover o pae.

Sentia um desejo immenso de salvar o noivo d'Ignez; um desejo heroico de se sacrificar, de correr perigos, de arriscar a vida, pela sua Ignez.

Que lhe importava dizerem que o homem era traidor? para ella o homem que Ignez amava, o escolhido do seu nobre coração, não podia ser senão nobre e bom também.

Com'apparente serenidade deu as boas noites aos paes, e subiu para a sua camara, situada na agna-furtada, sobre o quarto onde o hespanhol jazia, amordaçado e com as mãos atadas.

Se pudesse acudir-lhe!

Mas como?

Passaram horas: e Brianda pensava pensava... Levantou-se de subito, cheia de coragem.

Desceu a escada de mansinho e entrou pé ante pé na camara dos paes.

Approximou-se do alto onde dormiam, e para o qual se subia por um pequeno escadote collocado ao lado.

A lamparina do oratorio allumiava-a e Brianda seguia depressa, recando que amanhecesse antes de poder realisar o seu plano temerario.

Procurou a chave da porta trancada; mas Mestre Fernão, na sua extrema prudencia, collocára-a debaixo do travesseiro. Como era possível tiral-la?

Brianda avançou para o leito e espreitou debaixo do travesseiro...

Oh! felicidade! A ponta negra da grande chave apparecia na borda do colchão; puxou de leve.

Mas o albigébe, atravez do seu somno, sentiu o tímido puxão, e mexeu-se inquieto.

Brianda ajoelhou e ficou immovel um bocado.

Quando ouviu o resonar sonoro dos paes, fez nova tentativa, conseguindo tirar a chave até meio; d'esta vez o albigébe, impaciente, virou-se com precipitação e a chave teria cahido no chão ruidosamente, se Brianda a não tivesse agarrado depressa, juntando as mãos n'uma prece muda de acção de graças.

Quasi de rastos, com medo que a vissem, sahiu da camara e dirigiu-se ao quarto do preso.

A chave pouco rangia e os paes poderiam não a ouvir; mas a tranca?

No silencio da noite todos os ruidos se avolumavam tanto...

A pobre Brianda começou a difficil operação, vagarosa pelas precauções que tinha de tomar.

Durante uma longa hora ali esteve a dedicada creança; até que enfim, com um fundo suspiro de alivio, conseguiu abrir a porta da prisão.

A principio julgou que o hespanhol morrera; porém, aproximando-se d'elle, sentiu palpitar-lhe o coração.

Começou por tirar-lhe a mordaga e murmurou:

—Venho salvar-vos...

Mas o homem, respirando ruidosamente, não respondeu.

—Sr. D. José d'Abreu, venho salvar-vos...

Então o hespanhol exclamou irritado: —Ah! és tu? Fôste tu que me armaste a cilada, moça do inferno!

—Não fui eu, senhor, não fui! Olhae que não ha tempo para explicar, crede-me. Se quereis que vos salve, vós, o noivo da minha Ignez, vinde depressa commigo: eu roubei a chave do vosso carcere e do vosso pae, e elle vae dar por isso... Deixai-vos desamarre, não digaes nada depressa, vinde!

Este outro pedacito fala de um bello dia de sol, á beira mar, alegre, despreoccupado. Era de um vestido que *dava sorte*... Que de recordações boas a elle ligadas!

Trapos pretos! Pedacos de crepe, entes queridos que deixaram de exirtir, cujo luto a nossa alma jámais despirá...

E fica-se horas em frente da gaveta fazendo resurgir a vida de entre um montão de trapos...

R. C.

INDICAÇÕES UTEIS

"LE CORRESPONDANT"

TERÁ COMO AGENTE
EM PORTUGAL
"A IDEIA NACIONAL"

Os jornais portugueses já se tem referido em diversas ocasiões a esta notável publicação que é actualmente a mais importante e a mais auctorizada Revista europeia e que sempre se interessou altamente pelas questões portuguesas, tendo publicado ultimamente um artigo sobre a intervenção de Portugal no conflicto das nações, que provocou em França, na Inglaterra, em Italia e em Hespanha o mais justificado interesse.

LE CORRESPONDANT é collaborado pelos mais celebres escriptores de todo o mundo. O nosso Director, sr. Homem Christo Filho, que já ha annos vinha sendo solicitado para collaborar assiduamente no CORRESPONDANT e lá publicara varios artigos em 1912, 1913, 1914 e 1915 mas não pudera ainda aceitar o encargo d'uma collaboração permanente, apesar dos reiterados convites da Direcção por lh'o não permitirem os seus muitos compromissos litterarios, fechou finalmente contracto com a grande Revista franceza no principio d'este anno. LE CORRESPONDANT tem pois publicado e continuará publicando, nos dias 10 e 25 de cada mez, estudos sobre questões opticas, economicas e litterarias estrangeiras e relativas especialmente a Portugal, Hespanha e paizes de lingua hespanhola ou portugueza, estudos de que é auctor o sr. Homem Christo Filho, embora nem sempre venham assignados.

LE CORRESPONDANT é a unica Revista de França e Inglaterra cujo preço de assignatura para o estrangeiro não é augmentado. Assim, ao passo que a REVUE DES DEUX MONDES, por exemplo, custa 62 francos por anno em Portugal, LE CORRESPONDANT custa apenas 35 francos, o mesmo que em Paris, ou seja quasi metade da REVUE DES DEUX MONDES.

Todos os portugueses que quizerem estar ao corrente do movimento intellectual contemporaneo, conhecer com profundeza as questões de ordem politica, economica, religiosa, social, financeira, diplomatica, que agitam a Europa devem assignar LE CORRESPONDANT.

Para isso basta dirigir um postal ao SECRETARIO GERAL D'A IDEIA NACIONAL, Rua da Emenda, 45, r/c LISBOA, onde se dão todas as informações e se encontra a venda a grande Revista franceza.

LE CORRESPONDANT vende-se tambem na LIVRARIA FERREIRA, Rua Aurea, Lisboa.

L'ECLAIR

GRANDE JORNAL DIARIO DE PARIS
ABSOLUTAMENTE INDEPENDENTE

PUBLICA DIARIAMENTE UM ARTIGO DE HOMEM CHRISTO FILHO, SOBRE QUESTÕES DE POLITICA INTERNACIONAL, QUESTÕES DE ARTE, LITTERATURA E ECONOMIA; SEGUE COM ESPECIAL ATENÇÃO AS QUESTÕES RELATIVAS A PORTUGAL, HESPAHNA E AOS VINTE E DOIS PAIZES AMERICANOS, DE RAÇA E LINGUA HESPAHOLA OU PORTUGUEZA, TENDO PARA ISSO CREADO EM 1914 UMA SECÇÃO DIARIA INTITULADA

America Latina, Hespanha, Portugal

CUJA DIRECÇÃO FOI CONFIADA AO SR. HOMEM CHRISTO, FILHO

AGENCIA EM

LISBOA

NA REDACÇÃO DA

IDEIA NACIONAL

RUA DA EMENDA, 45 R/C

ONDE SE RECEBEM ANNUNCIOS E PARA ONDE DEVEM SER

DIRIGIDOS TODOS OS PEDIDOS DE ASSIGNATURAS * * *

L'ECLAIR

A IDEIA NACIONAL

INDICAÇÕES UTEIS

RUY COELHO lecciona
Harmonia, Contra ponto, Fuga,
Instrumentação, Composição e
Piano.

DIRIGIR CORRESPONDENCIA
PARA

+ R. DA EMENDA, 45 r/c +

LITOGRAPHIA MATTA

DE

ROSA & FERREIRA, LIMITADA

RUA DA MAGDALENA, 62 A 70

LISBOA

TELEPHONE 3623

Trabalhos a côres e em relevo
pelos processos mais modernos

Esta officina, devido á sua magnifica montagem e a pessoal bastante habilitado, rivalisa com todas as suas congéneres.

BÓLOS

CREMES

SÓ FICAM PERFEITOS
EMPREGANDO A FARINHA

PASTEIS

PUDINGS

MAIZENA

DURYEA

NATIONAL STARCH COMPANY

NEW YORK U. S. A.

A VENDA EM TODAS AS BONS MERCENARIAS

REIS TORGAL

ADVOGADOS

RUA NOVA DO ALMADA 80.2

OBJECTOS D'ARTE
ANTIGOS E MODERNOS

MOBILIARIO

PORCELANAS
ESTATUETAS
JOIAS —
QUADROS —

MIRANDELLA

RUA SERPA PINTO, 6

* LISBOA *

MANIFESTO ANTI-DANTAS

E POR EXTENSO

POR

JOSÉ D'ALMADA NEGREIROS

POETA D'ORPHEU

IR BREVEMENTE